Ano XVIII - 2008 * NÚMERO 101

DYNAMITE

Rock Way of Life 17 anos! - www.dynamite.com.br

ISSN 1415 - 2460

Rock Rocket

Preparar lançamento

E MAIS:

LÊS RESPONSABLES

GENOCÍDIO - ALMAH

AZUL29 - METALLICA

DA CAVERNA - LIBRA

CAMDEN - DEVENTTER

ET CIRCENSIS - JOHN CANDY

Rock BraSileiro .Com

Maior Portal de Rock Nacional da Internet

O Novo do Rock Brasileiro

OUTUBRO/NOVEMBRO 2008

DYNAMITE

12 Azul29

19 Almah

13 Camden

20 Genocídio

14 Deventter

22 Da Caverna

15 Lês Responsables

24 Rock Rocket

16 Madame Saatan

26 Et Circensis

18 Libra

27 John Candy

03 Editorial + Índice
04 News
06 Shows
08 Fora do Eixo
09 Shows Internacionais
11 Play
28 Ears Up
30 Jukebox + Expediente

EDITORIAL

Neste segundo semestre, a crise financeira, com a derrocada do capitalismo norte-americano, resultado de oito anos de uma administração Bush, catastrófica não só para os EUA mas para todo mundo, é o assunto dominante. Menos mal que a eleição de Barack Obama parece servir de alento, se bem que eu por vezes o veja como um Collor, com muito marketing e pouco conteúdo. Espero – mesmo – estar enganado.

E é engraçado como vemos que quando chegam as tais crises, volta-se novamente a falar de reformas (política, tributária, previdenciária, principalmente) que em tempos de bonança são esquecidas. O nosso Lula, no alto do seu ego gigantesco, mais uma vez, como outros presidentes anteriores, não aproveitou os bons momentos para arrumar a casa, enxugando gastos desnecessários e azeitando a máquina pública. O resultado? Bem, já vimos este filme várias vezes antes. Mas, como sempre, o Brasil acaba dando um jeitinho de ir pra frente, aos trancos e barrancos.

O mesmo vale para a Dynamite. Depois de passar um excelente 2007 (talvez o melhor ano de nossa história), amargamos um 2008 complicado com volta das dificuldades. Mas o mais legal é que as perspectivas de 2009 são muito positivas e espero no próximo editorial trazer boas notícias e novos projetos. Afinal, musicalmente, temos um nova cena independente revigorada e bombando, e alçando vôos maiores, como nossos chapas do Rock Rocket, que estão lançando seu segundo disco. E, é claro, que na esteira disso, a Dynamite vai continuar rolando as pedras!

Vote consciente e não se omita!
Abração

André "Pomba" Cagni
Editor

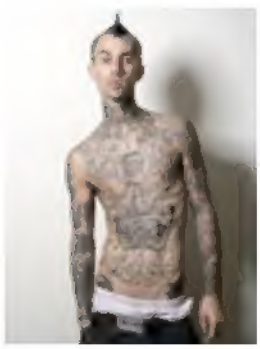
NEWS by Bruno Palma Fernandes (Fotos: Divulgação)

Depois de 13 edições, um dos maiores festivais independentes do Brasil, o Goiânia Noise Festival, aporta em São Paulo. Apropriadamente renomeado como SP Noise Festival, a primeira edição paulistana será realizada entre os dias 21 e 22 de novembro na Eazy, no bairro da Barra Funda. A escalação do SP Noise Festival reflete a programação da edição goiana e tem como destaques a lendária banda escocesa Vaselines, de Eugene Kelly e Frances Mckee, que se apresenta no Brasil com Stevie Jackson e Bobby Kildea, do Belle & Sebastian, e Michael McGarin do 1990's, além dos norte-americanos do Black Lips, os canadenses do Black Mountain, a banda carioca Do Amor, a revelação goiana Black Drawing Chalks, a banda paulista Homiepie, os lendários catarinenses do Ambervisions, a banda belga Motek, a finlandesa Flaming Sideburns, a argentina Tormentos, os chilenos do The Ganjas, e a norte-americana Calume-Hecla.

Peter Dolving, vocalista da banda sueca de metal The Haunted, finalizou o álbum de estréia de seu projeto paralelo, o BringTheWarHome. O líder do Haunted trabalhou na mixagem e na masterização do disco, que se chama "Rejoice!". O disco está sendo vendido através de downloads, mas ainda deve ganhar um lançamento físico.

A banda indie inglesa Dirty Pretty Things anunciou há algum tempo que encerrará atividades em breve. O quarteto, do qual fazem parte músicos que passaram por bandas como Libertines e Cooper Temple Clause, já escolheu a ocasião na qual fará sua última apresentação ao vivo. O último show do Dirty Pretty Things será no Jail Guitar Doors/ Real Fists, evento beneficente com a intenção de reverter fundos para o Jail Guitar Doors, programa de caridade montado pelo músico Billy Bragg com o objetivo de dar instrumentos musicais a presidiários. Esse show acontecerá no dia 11 de dezembro.

De acordo com o baixista Nikolai Fraiture, a banda indie nova-iorquina The Strokes pretende retornar ao estúdio em fevereiro para começar a gravar material para seu próximo álbum, sucessor de "First Impressions Of Earth", que saiu em 2006. Após o término da turnê de divulgação de seu álbum mais recente, o Strokes ficou parado para que seus integrantes pudessem trabalhar em seus respectivos projetos paralelos. O guitarrista Albert Hammond Jr. já lançou dois álbuns solo. Nikolai está a caminho de lançar seu primeiro, sob o nome Nickle Eye. Fabrizio Moretti, o baterista, está trabalhando com Rodrigo Amarante (ex-Los Hermanos) em um projeto paralelo, chamado Little Joy.



Travis Barker, ex-baterista do Blink 182 e Transplants e atual +44, está hospitalizado desde setembro, quando sofreu um acidente de avião. O músico, que continua sendo tratado de queimaduras, foi um dos dois sobreviventes do acidente, no qual quatro pessoas acabaram mortas. Agora Travis não vê a hora de voltar pra casa. Em seu blog, o músico postou uma foto de seu dedo médio com a seguinte legenda: "A equipe aqui é a melhor, mas é isso o que eu tenho a dizer à vida no hospital". "Os médicos dizem que eu estou sarando depressa e eu estarei fora daqui em breve", disse ainda o baterista.

Já está definido qual será o título do próximo álbum de Eminem, seu primeiro desde "Encore", que saiu há quatro anos. Esse novo trabalho do rapper, mais uma vez produzido por Dr. Dre, se chamará "Relapse". O novo trabalho de Eminem ainda não tem lançamento marcado.

Tim "Ripper" Owens, vocalista que já passou por bandas como Judas Priest e Iced Earth, está trabalhando em seu primeiro álbum solo. Participarão desse disco os guitarristas Bob Kulick (irmão mais velho de Bruce Kulick, que tocou no Kiss) e Chris Caffery (Savatage) e os baixistas Rudy Sarzo (que já passou por Ozzy Osbourne e Whitesnake), Dave Ellefson (ex-Megadeth) e Billy Sheehan (que tocou no Mr. Big). O lançamento desse disco é esperado para o próximo ano.

Após a saída de Nasi da banda paulistana de rock Ira!, no ano passado, o pai do vocalista entrou na justiça com um pedido para a interdição do mesmo, questionando a capacidade de seu filho em exercer sua cidadania. Com base em interrogatórios e laudo pericial, a justiça julgou o pedido improcedente. Nasi continua fazendo shows e apresentando o programa "90 Minutos", ao lado de Titio Marco Antônio e do ex-goleiro Ronaldo.

A capa de "Viva La Vida Or Death And All His Friends", álbum que o quarteto de britpop Coldplay lançou em junho, é a famosa pintura "A Liberdade Guiando o Povo", do artista francês Eugène Delacroix. O Coldplay decidiu lançar no dia 24 de novembro um EP com material que não entrou no disco. E para a capa desse EP a banda decidiu recorrer mais uma vez a Delacroix. A pintura dessa vez será "A Batalha de Poitiers". O EP, chamado "Prospekt's March" contará com oito músicas no total, incluindo "Lost+", uma colaboração com o rapper Jay-Z. Esperava-se que música "Luna", colaboração com a cantora australiana Kylie Minogue, fosse incluída em "Prospekt's March", mas ela ficou de fora.

A banda indie cuiabana Vanguart foi barrada pela imigração quando desembarcou no Reino Unido. O Vanguart, que havia feito três apresentações na Alemanha, tocaria em Londres no dia 15 de outubro. O duo cearense de electro Montage foi vítima do mesmo problema há não muito tempo.

O quarteto californiano de rock alternativo Weezer bateu alguns recordes durante a gravação de seu clipe mais recente, "Troublemaker", faixa de "Red Album", disco que a banda lançou em junho desse ano. A banda quebrou os recordes mundiais de maior jogo de queimada, maior quantidade de pessoas numa guerra de tortas, maior quantidade de pessoas andando em um único skate, maior conjunto de pessoas fazendo air guitar e maior maratona mundial de Guitar Hero. Stuart Claxton, fiscal do livro Guinness, esteve presente durante a gravação para se certificar de que a banda estava quebrando os recordes. Além dos recordes citados, que já estão confirmados, o Weezer ainda tenta entrar no livro com uma nova categoria: a de menor bateria tocada em um vídeo. Ainda sobre a banda, surgiram recentemente boatos de que o Weezer entraria novamente em estúdio em novembro para começar a gravar material para um próximo álbum. O guitarrista Brian Bell negou os rumores e disse que o Weezer está atualmente focado na divulgação de "Red Album".

Já circulam há vários meses rumores de que a cantora Madonna e o diretor de cinema Guy Ritchie estariam se separando. Madonna resolveu confirmar a notícia. O casal ainda deve chegar a um acordo com relação ao divórcio. A cantora, que completou 50 anos de idade esse ano, se apresenta nos dias 14 e 15 de dezembro no Rio de Janeiro (Maracanã), e nos dias 18, 20 e 21 de dezembro em São Paulo (Morumbi).

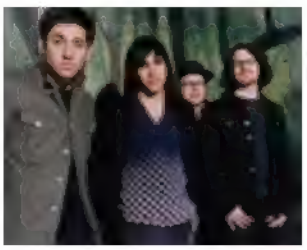
O partido republicano norte-americano tem utilizado, sem pedir a devida autorização, músicas de alguns artistas nas campanhas e comícios de John McCain e Sarah Palin, candidatos, respectivamente, à presidência e vice-presidência dos Estados Unidos. Jackson Browne entrou com um processo contra o partido quando viu que sua música "Running On Empty" estava sendo usada por McCain. "Who Says You Can't Go Home", do Bon Jovi, e "Barracuda", do Heart, foram usadas por Palin. As duas bandas não chegaram a entrar com processo, mas pediram para que suas músicas não fossem mais usadas.

O Tim Festival, que aconteceu entre 21 e 27 de outubro no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Vitória, sofreu duas baixas de nome importante poucos dias antes de começar. A banda indie norte-americana The Gossip foi a primeira a cancelar sua vinda, alegando conflitos de agenda. O músico inglês Paul Weller cancelou em seguida, pois houve um problema com o visto de trabalho no passaporte do pianista de sua banda.

Um compositor chamado Bart Steele abriu um processo contra a banda de hard rock Bon Jovi. Bart acusa a banda de ter roubado a letra que ele escreveu para o Boston Red Sox, time de baseball para o qual torce. De acordo com Bart, a banda adaptou a letra de sua música, chamada "(Man I Really) Love This Team", para "I Love This Town", uma das faixas de "Lost Highway", álbum que o Bon Jovi lançou no ano passado. O compositor pede nada mais nada menos do que 400 bilhões de dólares.

Tunde Adembipe, vocalista da banda indie nova-iorquina TV On The Radio, participa de um novo filme, chamado "Rachel Getting Married", no qual contracena com Anne Hathaway. No filme, Tunde faz o papel de Sidney, o noivo de Rachel, interpretada por Rosemarie DeWitt. "Rachel Getting Married" foi dirigido por Jonathan Demme, famoso por vencedores de Oscar, como "Filadélfia" e "O Silêncio dos Inocentes".

Rick Wright, tecladista do Pink Floyd, faleceu em setembro aos 65 anos de idade, vítima de câncer. David Gilmour, guitarrista e vocalista da banda inglesa, revelou recentemente qual era o último desejo de seu colega: "fazer um show num grande festival, tipo o Glastonbury". Emily Eavis, organizadora do festival, confirmou que Gilmour havia oferecido um show do Pink Floyd para a última edição do evento, mas que isso foi apenas três semanas antes de sua realização. Emily afirmou que a única coisa que poderia ter feito seria tirar alguém da escalação do Glastonbury, o que nunca foi feito em seus mais de 25 anos de história. A organizadora ainda alega que quando Gilmour propôs o show, não contou a respeito do debilitado estado de saúde de Rick.



Elvis Costello gravou uma participação especial no novo álbum do quarteto emo norte-americano Fall Out Boy. A banda pretendia lançar o disco, intitulado "Folie à Deux", no dia 04 de novembro, quando será realizada a eleição para a presidência dos Estados Unidos. O Fall Out Boy, contudo, resolveu adiar o lançamento. Uma nova data, muito provavelmente ainda para esse ano, será anunciada em breve. Falando em Fall Out Boy, a banda se envolveu recentemente na luta pela união civil homossexual. No começo do ano, a união civil entre pessoas do mesmo sexo foi legalizada na Califórnia. Agora surgiu uma proposta para que essa lei seja revista e para que o casamento gay não seja mais aceito no estado. "Existem muitas causas por aí. Existem muitas boas lutas para se lutar", declarou Pete Wentz, baixista da banda que admitiu no ano passado já ter beijado homens. O Fall Out Boy doou nada menos que 50 mil dólares para a luta contra a tal proposta.

Dimebag Darrell, guitarrista que tocou nas bandas Pantera e Damageplan, será homenageado com o lançamento de um livro de fotos suas em novembro. As fotos desse livro foram escolhidas por Jerry Abbott (pai de Dimebag) e Vinnie Paul (seu irmão), baterista que também tocou no Pantera e no Damageplan. Dimebag foi assassinado em dezembro de 2004 em pleno palco durante um show do Damageplan em Columbus, Ohio.

Gidget Gein, baixista que tocou no Marilyn Manson no começo dos anos noventa, foi encontrado morto em sua residência, na Califórnia. O músico, cujo nome verdadeiro era Bradley Anne Stewart, estava com 39 anos de idade. Especula-se que ele tenha sido vítima de uma overdose.

O Megadeth começou recentemente a gravar material para seu próximo álbum, sucessor de "United Abominations", que saiu no ano passado. Essas sessões de gravação estão sendo realizadas no estúdio caseiro do vocalista e guitarrista Dave Mustaine sob a produção de Andy Sneap. O novo trabalho sai no ano que vem.

Não dá mais pra fazer a conta de quantas datas de lançamento já foram anunciadas ou pelo menos previstas para "Chinese Democracy", novo álbum do Guns N' Roses prometido pelo vocalista Axl desde 1999. A especulação mais recente é de que o disco sairá no dia 23 de novembro nos Estados Unidos, exclusivamente pela cadeia de lojas Best Buy.

Após uma série de especulações a respeito de uma turnê mundial e um novo álbum do Led Zeppelin, o vocalista Robert Plant veio a público para afirmar que não tem interesse em ambas as coisas. E essa foi a deixa para um novo rumor. Circula agora o boato de que o guitarrista Jimmy Page, o baixista John Paul Jones e o baterista Jason Bonham farão uma turnê no ano que vem e que Myles Kennedy, vocalista do Alter Bridge, cantará à frente da banda. Esses boatos, contudo, não informam se o quarteto utilizará o nome Led Zeppelin. O estopim para esse monte de especulações foi um único show de reunião que o Led Zeppelin fez no ano passado, com Robert Plant, Jimmy Page, John Paul Jones e Jason Bonham. Em outras notícias referentes à banda, em novembro será lançada uma caixa com todos os seus álbuns, em comemoração aos 40 anos de formação do Led.

O guitarrista Carlos Santana lança ainda esse mês um novo álbum solo, chamado "Multi-Dimensional Warrior". Esse será um dos últimos lançamentos de Santana, que anunciou recentemente que se aposentará em seis anos. Santana já até sabe o que fará depois de abandonar sua guitarra. O músico revelou que abrirá uma igreja no Havaí. "Eu não estou enjoado do que eu faço, mas acredito que Deus me deu o dom da comunicação, mesmo sem minha guitarra, e com a habilidade de desprender as pessoas de certos trechos da Bíblia que têm a ver com culpa, vergonha, julgamento e medo", declarou Santana.

Mike Patton parece estar numa missão para ser reconhecido como o músico mais prolífico da face da Terra. Patton já passou pelas bandas Faith No More e Mr. Bungle, e já montou diversos projetos, como Peeping Tom, Tomahawk, Fantômas e mais recentemente o Crudo. Mas nada parece ser o bastante para Mike Patton. O maníaco por projetos musicais agora anunciou um outro, do qual farão parte Tunde Adembipe (vocalista do TV On The Radio) e Adam Drucker (vocalista do cLOUDDEAD). O nome da nova banda ainda não foi revelado.

A banda californiana de hip hop Cypress Hill está se focando em seu próximo trabalho de estúdio, sucessor de "Till Death Do Us Part", que saiu em 2004. Sen Dog, membro do Cypress, revelou que o novo disco contará com participações especiais de Mike Shinoda (um dos vocalistas do Linkin Park), Slash (guitarrista do Velvet Revolver) e Tom Morello (guitarrista do Rage Against The Machine). No momento, o Cypress está sem gravadora. De acordo com Sen, a banda gravará o novo álbum todo para depois resolver essa questão.

Johnny Rotten, vocalista da banda punk inglesa Sex Pistols, gravou um comercial de televisão para a marca de manteiga Country Life.

Durante uma turnê pelos Estados Unidos, abrindo os shows do Raconteurs, o The Kills perdeu seu ônibus, com todo seu equipamento. O motorista também desapareceu. O veículo foi encontrado no dia 06 de outubro num estacionamento em Los Angeles. Ainda não se sabe se os pertences da banda estavam ou não no ônibus. As autoridades não informaram se houve algum problema com o motorista ou se ele cometeu roubo.

Bucth Vig, baterista do Garbage, foi o nome escolhido para fazer a produção do próximo álbum do Green Day, sucessor de "American Idiot", que saiu em 2005. Além de tocar no Garbage, Butch já trabalhou na produção de álbuns como "Nevermind", do Nirvana, "Siamese Dream", do Smashing Pumpkins, e "Experimental Jet Set, Trash And No Star", do Sonic Youth. Ainda não está definido quando o Green Day entrará em estúdio para começar a gravar material para esse novo disco.

Silenoz, guitarrista do Dimmu Borgir, deu uma declaração desmentindo uma série de boatos a respeito do próximo álbum da banda norueguesa de metal sinfônico que circulam por aí. O músico desmentiu, por exemplo, que a banda assinou com a Roadrunner para esse lançamento. Silenoz foi além: "As pessoas também têm perguntado se o Max Cavalera será o produtor e se a gente vai gravar no Egito. De onde será que as pessoas tiram isso?", indagou o guitarrista.

Saiba como foi a Mostra do Prêmio Dynamite de Música Independente

05, 06 e 07/09/2008 – Teatro do SESC Pompéia – São Paulo

Texto e Fotos: Hanilton Scofield

Comemorando o lançamento dos indicados para o Prêmio Dynamite de Música Independente 2008, a Associação Cultural Dynamite, em parceria com o SESC Pompéia, realizou a Mostra do Prêmio da Música Independente.

Baranga

Em três dias e com uma programação variada, o evento apresentou para o público do teatro do SESC Pompéia alguns dos indicados ao prêmio.

A primeira noite, no dia 05 de setembro, obteve o maior público e provou que o bom e velho rock'n'roll nunca sai de moda. A abertura do evento ficou por conta da banda Nitrominds, que com muita competência surpreendeu o público e já deixou a galera aquecida para o segundo show da noite, o Baranga, que já tem um bom número de seguidores, hits aprovados e cantados em coro.

Depois foi a vez do Dance Of Days mostrar o seu hardcore. O vocalista Nenê Altro faz uma apresentação à parte, apesar de uma pequena discussão com o público, que acabou prejudicando um pouco o show, mas depois tudo se acertou e todos já estavam preparados para receber talvez a maior atração do evento, que foi o Matanza.

Incrível como o vocalista Jimmy mantém o público em suas mãos; os presentes realmente parecem seguidores fiéis e cantavam de forma empolgante cada palavra dita por ele. Destaque para "Pé na porta, soco na cara", "Ela roubou meu caminhão" e "Bom é quando faz mal".

No sábado, dia 06 de setembro, a abertura ficou por conta do trio paulistano Fire Friend. A banda, que prepara o lançamento do LP "Safári", aproveitou o show para mostrar suas músicas novas; todas aprovadas. A banda realmente é muito boa e ainda iremos ouvir falar muito deles.

Matanza

Em seguida foi a vez do Madame Saatan. A banda do Belém do Pará não brinca em serviço e impressiona, com solos de guitarra perfeitos e a performance maravilhosa da vocalista Samliz, que com sua feminilidade a flor da pele e seu vocal fez do show do Madame Saatan um dos melhores do evento.

Vega

A segunda parte da noite ficou com o DJ Marcelinho da Lua, seguido pelo rapper Xis, que dividiu o palco com o DJ RM.

E a última noite foi marcada pelos vocais femininos, iniciada com o show de Monique Maion, um híbrido de Danni Carlos com Amy Winehouse que ainda contou com a participação de Gustavo Garde, vocalista da banda Seychelles.

Em seguida foi a vez de Madame Mim apresentar seu electro pop latino, acompanhada do DJ Superputo. O belo e grande palco do teatro do SESC Pompéia favoreceu e muito sua performance, que simplesmente dá vida a todas as suas músicas e não deixa ninguém parado. Mesmo sentado é difícil não tentar acompanhar o ritmo do som.

Depois desse furacão electro, foi a vez de Alzira Espíndola mostrar seu trabalho. A cantora de Campo Grande apresentou músicas da sua bem elogiada parceria com o poeta Arruda. Destaque para as músicas "Talento" e a ótima "Chega disso", essa última gravada pela cantora Zélia Duncan.

O encerramento da noite, e da mostra, foi deixado a cargo da banda Vega. A banda fez um show repleto de hits e versões, com destaque para "São Paulo", uma das canções-hino dos anos 80 gravada pelo grupo 365 e para "Construção", clássico de Chico Buarque, que foi totalmente reinventada pela banda.

Epica se surpreende com a comoção dos fãs paulistanos

20/09/2008 – Citibank Hall – São Paulo

TTexto: Magda Martins - Fotos: Leandro Anheli

O aeroporto de Cumbica foi palco de uma cena de comoção e confusão no desembarque da banda holandesa Epica. Tal atitude pode ser compreensível quando se tem uma noção do grupo ao vivo. O desfile do metal sinfônico de qualidade faz do Epica a melhor banda do estilo na opinião de muitos. Certamente, isso se deve ao instrumental e vocais impecáveis ao vivo, da mesma forma que soam nos álbuns. Se isso já não bastasse, a performance de todos os membros cara a cara com o público é empolgante.

Simone Simons é um caso à parte. A moça de apenas 23 anos esbanja beleza, graciosidade e técnica. Não só canta como interpreta as canções. Mesmo quando passa a bola para o companheiro Mark Jansen, continua a interpretar em uma mostra de perfeita sintonia com o conceito das músicas que canta. E quando Simons some do palco em determinadas canções, Mark Jansen (vocal e guitarra) segue com Ad Sluijter (guitarra), Yves Huts (baixo), Coen Janssen (teclado) e Ariën van Weesenbeek (bateria), mantendo a energia e a platéia na mão, não deixando ninguém se cansar ou ficar parado.

"Vocês são foda!", solta Jansen em português, dando o recado explícito de quem está curtindo o show e a agitação da platéia. E sim, o ambiente era mesmo agradável. Mark e Simone não deixam de falar e gesticular com o público o tempo todo. Até uma versão um pouco desarranjada de "Aquarela do Brasil" Mark mandou. Mas se ele não sabia a letra, limitando-se a "Brasil, lá-lá-lá...", os metaleiros que lotaram o Citibank Hall em São Paulo, tão pouco.

O setlist bem estruturado contemplou sucessos de toda a carreira da banda. O início se deu com as faixas que abrem seu último CD, "The Divine Conspiracy", com "Indigo" (uma breve introdução composta por instrumental e coral) e "The Obsessive Devotion". Daí seguiu-se uma seqüência de sons que mantiveram o público no ritmo e cantando: "Sensorium", "Menace of Vanity", "Quietus", "Fools of Damnation" e "Cry For The Moon", que emendou em um aclamado solo de bateria de Ariën por mais de cinco minutos.

Depois de um rápido intervalo, chegou o primeiro momento calmo da noite com a canção "Linger". O momento de total imersão provocado por essa música foi quebrado por uma falha no microfone da vocalista, que olhou pra trás e voltou para o público com um doce ar infantil dizendo: "Oh-ow!". Em segundos o som voltou ao normal e a música seguiu-se do ponto onde havia parado como se nada tivesse acontecido.

Veio então "Blank Infinity". Enquanto Simone deixa o palco, Mark pega uma bexiga de preservativo arremessada pela platéia e diz: "You're sexy, animals!". Em seguida anuncia a próxima música, um cover da já extinta banda de death metal Death: "Crystal Mountain".

"Seif al Din" e "Façade of Reality" se destacaram como as músicas nas quais Simone mais se empolgou batendo cabeça. "Chasing the Dragon" e "The Phantom Agony" encerraram a primeira parte do show.

Na volta, o tecladista Coen Janssen, ao tomar o microfone de Mark, pediu para que a platéia levantasse as mãos e as sacudisse, o que antecedeu o momento de maior emoção da noite com a balada "Solitary Ground", que foi acompanhada em coro pelo público durante todo o tempo. "Agora vocês vão cantar!", comandou Simone, que foi atendida em alto e bom som pelos fãs, em uníssono e à capela. A canção é retomada por Simone, Coen e o restante da banda arrancando os aplausos mais entusiasmados da noite.

Com certo contraste de estilo, mas também aclamada, a pesada "Mother Of Light" não deixou a desejar, e seguiu o ritmo anterior de admiração e exaltação.

Com outro curto tempo de intervalo, a banda voltou ao segundo bis com Mark vestindo a camisa do São Paulo Futebol Clube. Vaias, aplausos e risadas se misturaram como reação ao gesto. E, para encerrar as mais de duas horas de espetáculo, "Sancta Terra" e "Consign to Oblivion".

No Rio, Justice comanda show insano com direito a stage diving, crowd surfing e head banging

26/09/2008 - Circo Voador - Rio de Janeiro/RJ

Texto: Guilherme Sorgine - **Foto:** Bruno Boghossian

Após quase dois anos de turnê do incensado álbum "Cross", o Justice escolheu o Brasil para finalizar sua excursão mundial (além do Rio, também tocou em São Paulo, no Skol Beats).

E o clima era de megashow: apesar da noite fria e dos altos preços, o Circo estava lotado, e a expectativa pela entrada dos franceses era palpável ao longo do bom set de abertura do Mixhell, projeto do ex-Sepultura Igor Cavalera com sua esposa Laima.

Pouco após a uma da manhã, as luzes se apagaram e a cruz-símbolo da dupla francesa iluminou a pista do Circo, em meio a uma histeria coletiva que só fez aumentar ao início de "Genesis", música de abertura de "Cross" e que foi apresentada em versão semelhante à do disco. No decorrer da noite, no entanto, a ordem da casa seriam versões bastante editadas dos hits (e não tão hits) do grupo, em estilo semelhante ao apresentado pelo Daft Punk no show do Tim Festival 2006, com trechos de bases e vocais cirurgicamente inseridos. O resultado? Catarse electro-rock, com pessoas dançando ao lado de outras que batiam cabeça como verdadeiros headbangers.

Queimaram o sucesso "D.A.N.C.E." logo de cara, apresentado no já manjado remix do MSTRKRFT. Por sua vez, "Stress" ganhou uma providencial bombada nos graves, ao tempo que em "DVNO" já eram visíveis os crowd surfers na boca do palco (algo nunca visto por mim em shows de música eletrônica). Ah, e teve "Waters Of Nazareth", das melhores já feitas pelo duo, e que no live fica ainda mais suja. Deliciosamente suja.

O ponto fraco ficou por conta de "The Party", que em disco soa cool com os vocais de Uffie, mas deixou provado que não é das mais apropriadas para apresentações ao vivo.

O auge, no entanto, veio no finzinho, com "We're Your Friends", a mais cantada da noite, apresentada em versão estendida, e durante a qual inúmeras pessoas podiam ser vistas chorando e se abraçando na platéia.

No retorno para o (curto) bis, mais pauleira, com cinco minutos de um sample quebradeira de nada menos que "Master of Puppets" (isso mesmo, a do Metallica!!!), os estrobos a mil e o mosh pit comendo solto na pista do Circo. Apoteótico foi pouco.

Vive La Fête estremece platéia paulistana

10/10/2008 – The Week – São Paulo/SP

Texto: Maíra Hirose - **Foto:** Renato Salles

Foi num verdadeiro clima de festa que os belgas do Vive La Fête subiram ao palco da The Week, em São Paulo, no dia 10 de outubro. Com a casa completamente lotada, todos os presentes clamavam por ver de perto, ao vivo e em cores, a performance da dupla Danny Mommens (na guitarra e nos vocais) e Els Pynoo (no vocal).

O Vive La Fête mostrou à platéia paulistana o seu pop erótico, marcado pela chanson française, misturado às bases eletrônicas e à influência punk nos riffs de guitarras.

Os belgas se valem não apenas do artifício musical propriamente dito, mas da performance teatral, que se tornou, aliás, uma das marcas da banda. Acompanhada dos músicos Dirk Cant (baixo), Matthias Standaert (bateria) e Roel Van Espen (teclados), Danny e Els desempenharam muito bem seu papel.

Arrisco dizer que a apresentação do Vive La Fête foi mais punk do que muito grupo que adota este estereótipo. A banda, que subiu ao palco por volta das 2h30 da matina, fez um show eletrizante por quase duas horas, e incitou todo mundo a entrar no embalo.

O vigor do show pode ser atribuído principalmente à performance animada e sensual de Els Pynoo, que com seu visual moderno encarna uma verdadeira femme fatale, capaz de hipnotizar qualquer ser. Com seu ar desbocado e sexy, ela grita ao microfone, dança e ainda faz pose.

Logo que subiu ao palco, o Vive La Fête não poderia ter mandado som melhor e que já mostraria logo de cara qual seria a atmosfera que iria reger a apresentação do grupo. A banda começou com a animadíssima "Nuit Blanche", música de abertura de seu trabalho anterior e que leva o mesmo nome da canção.

O repertório do show foi bastante variado, com um apanhado geral por toda a discografia da banda, cujas músicas são exaltadas ainda mais pela intensidade do duo em cena.

Paramore faz show curto e intenso em São Paulo

23/10/2008 – Credicard Hall – São Paulo/SP

Texto: Shamil Carlos - **Foto:** Bruno Massao

Depois de certa confusão e tumulto na entrada da casa, começa o show do RiverRaid (Recife), que não faz o tipo de som que o público queria ouvir, mas ainda assim conseguiu convencer a todos. O show foi bem curto, com cerca de cinco músicas, mas o suficiente para esquentar a casa e por conseqüência fazer muita gente desmaiar. Sim, a enfermaria do Credicard Hall trabalhou muito durante a apresentação da banda de abertura. Vale lembrar que quase todos os fãs chegaram cedo, passaram o dia no sol e ainda tomaram a forte chuva que caiu no começo da noite.

Após uma rápida troca, é chegada a hora tão aguardada, e entram Zac, Josh e Jeremy (e mais um guitarrista extra), preparando a todos para a entrada da estrela da banda, a vocalista Hayley Williams, que para a decepção das fãs veio vestida "normal", sem o seu famoso visual extravagante. Assim que ela entra, aparece atrás um enorme Paramore, escrito no melhor estilo Ramones, e o show começa. Entre flashes e muita gritaria, Hayley coloca todos a cantar "Born For This".

Com um carisma impressionante, a pequena menina de cabelo vermelho mostra que realmente canta muito. Emendam então "That's What You Get", "Here We Go Again" e "Whoa" (do primeiro disco). Paradinha rápida, e Hayley se apresenta: "Just in case you don't know... Nós somos o Paramore!", naquele português enrolado que só gringo consegue. E o show segue num pique incontrolável com "Crushcrushcrush" e "Let The Flames Begin", que acaba bem diferente do CD.

A próxima música é a balada "When It Rains", com a vocalista ao teclado. O momento calmo fica por ali mesmo e começa a seqüência final do show, com "Emergency", "Decode" (música inédita, mas que a maioria já conhecia), "Pressure" e "For a Pessimist, I'm Pretty Optimistic". Para o bis, a banda deixou o seu maior hit: "Misery business", cantada em um coro incrível.

Um show curto, mas justificável, já que a própria vocalista postou no LiveJournal dizendo que estava doente já a duas semanas e não conseguiria continuar. Mesmo assim, acredito que aquela uma hora ficou na memória de todos os fãs que tiveram a sorte de estar ali.

VARADOURO 2008: SHOW NO PALCO E FORA DELE

26 e 27/09/2008 - Arena da Floresta - Rio Branco/AC

Texto: Humberto Finatti - **Fotos:** Talita de Oliveira

Realizado em Rio Branco, capital do Acre, a quarta edição do festival Varadouro só colheu praticamente resultados positivos em termos de estrutura, organização, receptividade do público e qualidade das performances apresentadas pelas vinte e duas bandas participantes, sendo duas delas estrangeiras: a boliviana Atajo e a peruana Bareto.

Foi, literalmente, um show em cima e fora dos dois enormes palcos (que já impressionavam pelo seu tamanho) armados no estacionamento do estádio Arena da Floresta, sendo que em cada um deles foi montado um potente sistema de luz e som, que permitiu a todos que estavam no local ver e ouvir muito bem o desempenho das bandas que fizeram o rock rolar em plena Amazônia.

Privilegiando bastante a cena local e regional de bandas, mas também abrindo espaço para grupos de estados tão distantes como o Rio Grande do Sul (de onde veio o sempre fantástico trio instrumental Pata de Elefante), o Varadouro acertou na mosca ao mapear em forma de linguagem musical pop a grande diversidade musical que a cena acreana e da região abriga hoje em dia. Basta notar que, em um único festival, se apresentaram uma banda de metal extremo (Survive), outra com nuances pós-punk e goth oitentistas (a Nicles) e uma terceira inclassificável (a Filomedusa, já gigante em Rio Branco), que funde guitarras de rock a mpb e ritmos regionais com maestria, contando para isso com a exuberância de um puta guitarrista (Saulinho) e uma vocalista linda, carismática e de grande expressão corporal em cena (Carol Freitas). Mas, no final das contas, todas exibiram competência e garra em suas performances, e cada uma trouxe sua parcela de público ao evento, que vibrou com os shows em questão.

Blush Azul

O Varadouro 2008 também acertou ao abrir espaço para manifestações musicais típicas da região amazônica (como a apresentação da tribo indígena Ashaninkas) e ao trazer um headliner de grande porte para fechar o festival -- no caso, o Cordel do Fogo Encantado (banda já consagrada na cena independente nacional, tendo inclusive já tocado diversas vezes na Europa), que, na madrugada de sábado para domingo, levou as quase quatro mil pessoas presentes ao estacionamento do Arena da Floresta ao delírio com seu impressionante jogo de luzes e as percussões que sustentavam os delírios poéticos do vocalista Lirinha.

Além disso, a facção hip hop foi muito bem representada pelo Linha Dura, de Cuiabá, que mostrou criatividade no palco ao fundir a linguagem do rap com instrumentos de verdade (baixo, bateria e guitarra, esta tocada pelo já quase guitar hero e figuraça carimbada na cena, Kayapy, o homem das seis cordas do trio Macaco Bong). E não faltou espaço para o guitar pop fofo do Blush Azul (também de Rio Branco) ou para o noise/grunge do Boddah Diciro (de, pasmem, Palmas, no Tocantins). O goiano Diego de Moraes mostrou

Bodah Diciro

que merece os elogios que tem recebido por ter exibido um rock energético combinado com outros estilos, apoiando letras bizarras e tudo conduzido por uma banda redonda e muito bem ensaiada. Até o paulistano Ecos Falsos (um dos bons nomes da novíssima cena indie da capital paulista), que começou o show meio "travado", deslanchou da metade para o final de seu set e acabou conquistando um público que pouco ou nada conhecia do repertório da banda.

Se há alguma ressalva a fazer quanto ao line up do festival, ela se restringe ao boliviano Atajo, que com sua música pop latina algo insossa, não disse a que veio. O peruano Bareto se saiu um pouco melhor, mostrando mais energia e descontração ao vivo. No entanto, tanto um como o outro estavam bem aquém de diversas bandas que se apresentaram no Varadouro, e não cabe aqui nenhum tipo de bairrismo ou nacionalismo neste comentário. Apenas um fato indubitável: a música independente brasileira, o rock em particular, mostra cada vez mais talentos prontos para ganhar a crítica e o público. E talentos que se espalham em quantidade inacreditável por todos os cantos do País.

Quanto ao Varadouro em si, ele já se tornou um festival de gente grande e um dos grandes eventos do gênero na região Norte brasileira.

Resta agora aguardar a edição 2009, quando mais uma vez o festival deverá se superar em termos de estrutura e atrações.

Ecos Falsos

O repórter Humberto Finatti viajou a Rio Branco a convite da organização do festival.

DEMO SUL TEM DUAS NOITES DE SHOWS SENSACIONAIS

10 e 11/10/2008 – Grêmio Literário Recreativo Londrinense – Londrina/PR

Texto e fotos: Everton "Pardal" Soares

O Festival Demo Sul foi do caralho. O evento aconteceu nos dias 10 e 11 de outubro (sexta e sábado), e no primeiro dia contou com bandas de peso, como Madame Saatan (PA), Cassim & Barbaria (SC) e O Lendário Chucrobillyman (PR). E o headliner do primeiro dia do evento foi nada menos que os precursores do grunge de Seattle: a banda Mudhoney (USA).

Lá pelas 20h08 de sexta-feira, a banda Mescalha sobe ao palco e abre o festival com o seu refinado arranjo de blues, psicodelia e rock'n'roll, com poderosos riffs de guitarra. A banda promete fazer muito barulho e causar nos festivais. Destaque para "Café com Açúcar".

Depois veio o Flattermaus, abordando temas como sentimentos e valores em suas letras. O álbum "Save Your One Life Ass", de 2006, é um achado, cheio de muito experimentalismo e virtuosismo nas guitarras rápidas, num indie rock desconcertante, intrigante e bem marcado.

Na seqüência entrou o sexteto de ska 220 Ska Bar. A banda, logo de começo, já agitou o pessoal do Palco Sonkey. Estava faltando mesmo ska nos festivais. A banda impressionou bastante e se destacou muito, tomando o palco de assalto com figurinos pra lá de originais, e, de quebra, uma rude girl dançarina. No momento, a banda está em estúdio, e o primeiro disco tem lançamento previsto para o início de 2009.

Depois veio o Madame Saatan, que, infelizmente, foi a primeira banda a sofrer com os problemas técnicos durante a apresentação no Palco Demo Sul. Mas a inquietante e linda vocalista Sammliz se sobressaiu maravilhosamente com uma presença marcante. O Madame arregaçou nas execuções de "Devorados" e "Gotas em Caos".

Droogies

Felipe Teixeira, vocal do Droogies, apresenta a banda e logo de cara dá um soco na barriga das pessoas que acham que o Droogies não deveria fazer parte do festival. Os caras são bons, carismáticos e tocam muito, com riffs bem infernais. A galera, convidada ao palco, tirou até um mosh contagiante.

Em seguida, o Vandaluz (MG). A banda tem presença, e cada um tem seu estilo e performance individuais, e se interagem muito bem. Vane Pimentel e Cassim Amperes parecem duas crianças soltas no parque aprontando várias travessuras. Baixou o santo demônio do rock'n'roll nos meninos, que fizeram uma fusão pra lá de divertida entre gêneros, como rock e funk, e versos literários bem humorados e pura harmonia em suas poesias. Destaque para "Proibido" e "Teoria". Em "Lucidez", o vocal Cassim se joga no alambrado de encontro ao público em meio à frase "Eu sou normal!". Parecia um ataque de surto ao estilo Rogério Skylab.

Seguindo o cronograma, Cassim & Barbária (SC), o novo projeto de Cassiano Fagundes, do Bad Folks. Nesta nova empreitada, ele que agita e contagia junto com o público do Palco Sonkey. Noise pop, rock industrial e krautrock alemão. Bastante virtuoso em suas criações, usou de vários recursos e parafernálias eletrônicas, que deram um toque todo especial em sua apresentação, aliado a seu carisma sempre presente. Destaque para "Libertária", "This Place Called Feeling" e "Blixa".

Com um fluxo maior de gente entre os palcos, acabei perdendo a primeira do New Ones, que, na edição do ano passado, arrebentou com o seu punk rock niilista. Este ano, num novo visual, cheios de atitude, e mais maduros, levaram a galera ao delírio, cantando a clássica "Surrender".

Chucrobillyman

Klaus Koti é O Lendário Chucrobillyman. É voz, guitarra, bumbo, caixa, tambourine e kazoo e megafone. Sob muitas palmas e gritos a cada música executada, o virtuosíssimo e multitalentoso artista roubou a cena do primeiro dia, movimentado uma grande parte do público para o Palco Sonkey e fazendo muita gente dançar. O cara tinha tempo até pra conversar com o público entre as músicas. Destaques: "I'm Gonna Leave You" e "The Valley of the Monkey Man".

Era então a vez do Mudhoney. Extremamente simpáticos e com alguns erros nas execuções instrumentais que fazem parte de todas as boas bandas do movimento grunge, os ícones da cena de Seattle se apresentam moderadamente bem.

O público lotou o palco e as estimativas chegaram entre 1700 a 2000 pessoas. E o Palco Demo Sul, palco principal do Grêmio Recreativo de Londrina, ficou pequeno visto de cima. Vieram petardos como "Hard-On For War", "The Lucky Ones" e "Inside Job". Mark Arm, fã confesso de MC5 e Iggy Pop, chegou até a fazer umas performances remexendo o corpo e coisa tal. Com uma voz impecável, ele encerra a noite do dia 10 com maestria.

Misture os integrantes das bandas locais Tosco Dudes, Chernobillies e Crazy Horses e influências de Hank Williams, Johnny Cash e Willie H. Neal. Esse é o Fabulous Bandits, que abriu a noite do sábado do Demo Sul, e que de quebra agitou a galera num visual country de raiz com rock'n'roll e tocando instrumentos tradicionais. No repertório, grandes clássicos, incluindo um cover de Mötörhead, e músicas próprias.

Na seqüência, o The Name (SP) fez um pós-punk meio nostálgico, meio Joy Division, o que me fez pensar que o lance dos festivais é mesmo esse: fazer uns achados do seu próprio Estado; não é todo dia que isso acontece. Experimentalismo sonoro, distorções e abusos de recursos eletrônicos.

Família Palim

A Sexta Geração da Família Palim do Norte da Turquia, ou simplesmente a Família Palim, a próxima banda a se apresentar, com ótimas letras gritantes e um firme acerto entre os membros, além de extremamente divertidos e carismáticos, atrai bastante a atenção do público, que compareceu em maior peso junto ao Palco Sonkey. Demais.

Depois veio a banda instrumental Pata de Elefante (RS). Jazz, surf music e rock misturado num caldeirão repleto de outras fusões. Sem palavras. Os caras mandaram super bem, e o pessoal dançando e pedindo bis. Pelo visto, o trio ainda tem muito chão pela frente.

Subburbia

Em seguida vem o Subburbia, nosso mix de Sonic Youth, Rapture e Depeche Mode, mas muito melhor. Com seu electro rock misturado com new wave e pinceladas indie, a banda marca território. O quinteto de Curitiba surpreendeu. Todos os integrantes pareciam livres e extremamente extrovertidos no palco e cativaram o público com sua autenticidade sonora.

No Palco Demo Sul, eles novamente deram um show. Considerada uma das bandas com maior reconhecimento no cenário independente londrinense e também nacional, o Terra Celta é uma banda sem precedentes, que toca desde músicas tradicionais da Irlanda até bizarrices e menções honrosas a Silvio Santos e Mario Bros. Com uma variedade de ritmos, comove o público e faz todo mundo cair na dança e agitar. Criativos por natureza, eles não são deste planeta com certeza.

O Batuque Muamba Fun, do vocalista Tieres Tavares, chega junto suingando, cheio de quebradas e muita percussão rítmada e rimas com cara de mix de samba rock e rap. Com composições próprias, fez a galera dançar e cantar junto, e com muito orgulho, o valor de ser pé vermelho. O destaque vai para "Use e Abuse", "É Som" e "Papel de Pão".

Trilöbit

Os humanos que se cuidem, pois os planos de dominação já começaram. Quem não foi abduzido, com certeza se renderá aos planos de general Urko com seu power trio de electro rock infernal, o Trilöbit. Com uma nova roupagem e utilizando ondas hertzianas, ele não vai deixar ninguém sair livre e já avisa que a banda sobreviverá, mas que não há futuro para nós, humanos.

O que eu posso falar dos hermanos argentinos do Palangueto é que eles são muito carismáticos e que conseguem mesclar como ninguém a energia do electro e as bases do rock. Radicados no sul da França, o duo formado por Javier Adaro e Federico Scally é divertidíssimo. Destaque para "Run" e "Mornings After".

Agora era a vez da banda pernambucana Nação Zumbi chegar e arrebentar com tudo. Headliner do último dia do festival, eles começam com "Fome de Tudo" e logo em seguida mandaram "Hoje, Amanhã e Depois". Já dava pra perceber vendo e ouvindo que os caras iam arrasar mais uma vez. A galera ia ao delírio, cantando música após música, de olhos estatelados para o palco, onde Jorge Du Peixe arriscou experimentações eletrônicas com um sampler padtoner, em sintonia com a guitarra de Lúcio Maia, que parecia bastante à vontade no palco, junto Gilmar Bola 8 no comando das poderosas alfaias e os outros membros da percussão. Sobressaíram-se no show as conhecidas "Macô", "Blunt of Judah", "Maracatu Atômico", relembrando os bons tempos com Chico Science, e "Quando a Maré Encher", que fecha a noite depois de mais de uma hora e meia de show, transitando por quase toda a discografia da banda. Sensacional e surreal.

Nação Zumbi

The Cult já abre com clássico em Nova York

14/09/2008 – Fillmore New York at Irving Plaza – Nova York

Texto: Micki Mihich - **Foto:** Simone Mihich Bueno

O The Cult ao vivo é diversão certa. É sempre uma ótima idéia abrir o set com uma clássica e eles fizeram isso com "Rain", seguida da ótima "I Assassin", do último CD. O groove continuou com "The Witch", a sempre excelente "Fire Woman" e o breque foi puxado com "Edie (Ciao Baby)".

Ian Astbury é um sujeito bem camaleônico, mas a voz e a atitude continuam as mesmas. Desta vez ele tirou um sujeito que estava fumando no meio da galera e ainda todo suado e sem camisa. E não é que o sujeito voltou novamente? Na segunda vez, precisou de três seguranças pra tirá-lo de lá.

"Electric Ocean (Out Of Bounds)" aumentou a velocidade um pouquinho e deu espaço para a bombástica "Spiritwalker". A contagiante "Born Into This" fez todo mundo cantar junto, seguida pela pesada "Rise" e o mais novo hit "Dirty Little Rockstar". O baterista John Tempesta, veterano do metal, desce o braço.

Ian Astbury começa a cantar "My Way", de Frank Sinatra, mas é só enganação - Billy Duffy mete o riff de "Wild Flower" (puro AC/DC), que segue com "Love Removal Machine" (puro "Start Me Up" dos Rolling Stones). As duas últimas do show foram a cadenciada "Sweet Soul Sister" e a animada "She Sells Sanctuary".

Metal Masters reúne monstros sagrados do gênero

10/08/2008 – Jones Beach – Nova York

Texto: Micki Mihich - **Foto:** Simone Mihich Bueno

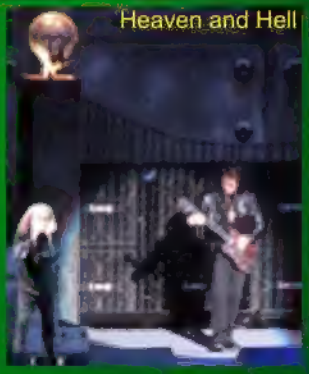
Qual a probabilidade disso acontecer, me diga? Assistir no mesmo dia Judas, Sabbath com Dio, Motörhead e, de quebra, o Testament é bom demais para ser verdade!

Testament

O Testament deu o show que sempre dá: pesado e profissional. Tocaram muita coisa antiga, como "Over The Wall", "Practice What You Preach" e "Souls Of Black", mas também duas novas: "The Formation Of Damnation" e a contagiante "More Than Meets The Eye". Da época "mais obscura" da banda veio apenas "Demonic Refusal".

O Motorhead tem tanta música boa que pode tocar dez vezes por ano e ainda assim não cansar o público. "Dr. Rock", "Stay Clean", "Be My Baby" e "Killers" distribuíram bem as diferentes épocas da banda sem decepcionar. "Metropolis" e "Over The Top" foram dedicadas aos fãs, especialmente os mais antigos. Após o solo de bateria de Mikkey Dee veio o rock'n'roll agitado de "Going To Brazil", que por sua vez foi seguido por "Killed By Death", "Ace Of Spades" e "Overkill".

Era então a vez do Heaven And Hell. Quando veio a intro "E5150" já estávamos preparados para a porrada sônica de "The Mob Rules". A música seguinte, "Children Of The Sea", foi bem oportuna, uma vez que o show era na praia. Mas oportuno mesmo foi quando tocaram "The Sign Of The Southern Cross" e raios cortaram o céu escuro. "Ear In The Wall" vem antes do solo de bateria de Vinny Appice, que seguiu com "Time Machine" sob a chuva prometida pelos raios de antes. O petardo "Falling Off The Edge Of The World" precede o solo de guitarra de Tony Iommi, seguido de "Die Young" e "Heaven And Hell".



Heaven and Hell

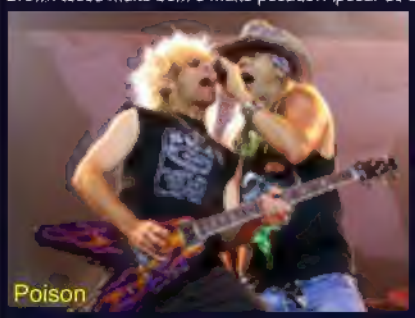
Para encerrar, o Judas Priest. "Dawn Of Creation" introduz "Prophecy", a mais nova obra-prima da banda, com Rob Halford na plataforma superior esquerda do gigantesco palco, todo coberto por um manto e apoiado por um cajado. Figuraça. "Metal Gods", "Eat Me Alive", "Between The Hammer And The Anvil", "Devil's Child" são detonadas uma a uma, mas a grande surpresa foi "Breaking The Law", típica de bis. "Hell Patrol", "Dissident Aggressor" e "Angel" prepararam a galera para "The Hellion", que introduz "Electric Eye". "Rock Hard, Ride Free" se posiciona bem antes de "Painkiller", que fecha o set. "Priest! Priest! Priest!", o público clamava e eles voltaram para mais: "Hell Bent For Leather", "The Green Manalishi" e "You've Got Another Thing Coming", não apenas três clássicos da banda, mas três clássicos do heavy metal, do rock, da música mundial.

Dokken, Poison e Sebastian Bach com o pique dos anos 80 em Pittsburgh

10/08/2008 – Pittsburgh Post Gazette – Pittsburgh, Pensilvânia

Texto e fotos: Anaktar Betto

O Dokken abriu o show com "Tooth And Nail" e emendou com "Into The Fire". Após "Dream Warrior", o líder Don fez um comentário apimentado sobre o cenário do rock em sua cidade-natal: "Todo mundo em Los Angels é maricas. Ninguém ali sabe mais como fazer rock de verdade. Agradeço ao público de Pittsburgh por estar hoje aqui em nosso show". Após essa declaração, veio "Kiss Of Death". John Barry Levin e Barry Sparks tiveram uma excelente presença de palco, agitando o tempo todo, deixando pouco espaço para Don Dokken se movimentar. O baterista Mick Brown tocou muito bem e muito pesado. Apesar de Don estar meio fora de forma, sua performance e sua voz continuam maravilhosas. Pra fechar, a banda tocou "In My Dreams".



Poison

O show do Poison começou com o hit que estourou nos anos 80: "Look What The Cat Dragged In". Lindo ver os fogos de artifício no palco durante a canção. Os integrantes da banda estavam correndo por todo o palco. Na segunda canção, "I Want Action", os fãs estavam enlouquecidos. O guitarrista CC e o vocalista Brett estavam bem entrosados, exatamente como nos anos 80. O vocalista dedicou a música seguinte a todos aqueles que amam a liberdade de andar de moto: "Ride The Wind". O Poison voltou a agitar novamente com "That's What I Like About You", cover do The Romantics. Ao final da canção, Brett deixa o palco e CC DeVille faz seu solo. "Something To Believe In" veio depois do solo de CC, emendando com um outro cover de sucesso: "Your Mamma Don't Dance". Depois foi a vez do baterista Rikki Rockett fazer seu solo. Ao longo de todo o resto do espetáculo, a banda continuou cheia de energia e deixava o público delirando a cada hit, como quando tocaram "Fallen Angels" e "Every Rose Has Its Thorn".

A apresentação de Sebastian Bach foi iniciada com um cover de "Back In The Saddle", do Aerosmith. Os gritos do vocalista ainda soavam como nas antigas músicas. O show seguia com "Big Guns". "Here I Am" foi a próxima e na seqüência veio "Stuck Inside". "18 And Life" deu seqüência para o delírio dos fãs mais antigos do Skid Row. Bobby Jarzombek, na bateria, estava alucinado, tocando muito, sem perder uma batida sequer. Metal Mike, Rob de Luca e Johnny Chromatic foram fenomenais; um trio na frente do palco. A banda não cometeu um erro, provando profissionalismo. O show foi encerrado com "Youth Gone Wild".

Sebastian Bach

Expomusic supera expectativas

By Bruno Silva

Fotos: Bruno Silva

Corredores lotados, gente apressada, luz forte e som alto. Esse era o ambiente da 25ª edição da Expomusic, a feira internacional da música que reúne os principais fabricantes e distribuidores de áudio, iluminação, instrumentos musicais e afins. O evento começou no dia 24 de setembro, uma quarta-feira, e seguiu até o dia 28, domingo. Com um publico total de mais de 50 mil visitantes e gente vindo até do exterior, a feira foi um sucesso.

O evento se deu no Expo Center Norte, em São Paulo, e superou expectativas. Foram 200 expositores em uma área de 16 mil m², e um total de cerca de R$ 150 milhões em negócios. Para o presidente da Abemúsica, entidade que patrocina o evento, fatores como o aumento da renda familiar e até mesmo a venda de mp3 players colaboram para o aquecimento do mercado musical.

A novidade deste ano foi a reserva de dois dias para profissionais do setor e compradores. Assim, os expositores puderam voltar suas atenções especificamente para seu público direto antes de abrir seus estandes para visitação do público. Ano passado, foram 60 mil pessoas em cinco dias de evento.

Sessões de autógrafos, pocket shows, workshow e workshops marcaram a feira. A todo momento havia alguma personalidade chamando atenção ou um grupo de fãs ansiosos por encontrar seu ídolo. Os nomes foram de Igor Cavalera (Cavalera Conspiracy) e Andreas Kisser(Sepultura) a Japinha (CPM 22) e Juninho Afram (Oficina G3).

Além dos famosos, personalidades anônimas tiveram seus momentos de fama nos diversos instrumentos disponibilizados para experimentação, como nos pianos do estande da Michael, nas guitarras que estavam expostas junto aos pedais da Boss, ou nas baterias eletrônicas espalhadas por vários locais, sempre com fones de ouvido ao redor para que os interessassados pudessem ouvir a batucada.

Aliás, vários estandes pomposos se mostraram um show à parte. O da marca de violões Di Giorgio comemorava os cinqüenta anos da empresa. Com dois andares, tinha aparência de museu, com violões antigos expostos em vitrines. A cabine transparente da Tagima, mesmo modelo adotado na última edição, também atraiu grande público, principalmente para os workshops, que além de ocupar todos os lugares, ainda juntava gente em volta das paredes transparentes, tentando acompanhar algo.

Divisões organizadas ficaram claras no espaço da feira em 2008. Todos os estandes da imprensa, incluindo revistas famosas como Cover Baixo e Guitar Player, ficaram numa área isolada. E o Music Hall também estava maior este ano. O espaço reservado às apresentações ocupou um setor isolado no segundo pavilhão. Com shows o tempo todo dos mais variados estilos, o local foi parada obrigatória para os visitantes.

As apresentações no Music Hall mesclaram nomes consagrados como o guitarrista Pepeu Gomes e a banda de power metal Almah, com novas figuras da cena brasileira.

Também foi no Music Hall o VI Expomusic Fest, festival de música que premia novos talentos da cena nacional. A vencedora foi a música "Muitas Tardes", de Mana Tessari e Márcia Tavil, de São José do Rio Pardo, interior de São Paulo. O prêmio foi no valor de R$ 5.000. A segunda colocada, "Drama ou Comedia", de Paulinho Campos, do Rio de Janeiro, levou R$ 2.500. Em terceiro ficou "Casa dos Espelhos", do compositor Carlos Gomes, de São Paulo, que levou R$ 1.000. O evento também premiou como melhor intérprete a cantora Márcia Tavil, com a música "Muitas Tardes", com a quantia de R$ 1.500. Outros concursos promovidos durante o evento, como a Batalha de Bateras, atraíram muitos participantes e curiosos.

As novidades tecnológicas também vieram no campo da produção, iluminação e aparelhagem de áudio. Geralmente com estandes mais sóbrios, naturalmente menos visitados, marcas como Staner (com uma torre imensa de caixas de som) e Star Iluminação marcaram presença. Inovação tecnológica também no estande dos pianos Fritz Dobbert: a marca estava divulgando uma engenhoca que permite "passar a página" da partitura com os pés. Na verdade, é um controle USB que se comunica com um computador.

Os ainda mais aficionados por tecnologia puderam se deliciar no estande que expunha o game Rock Band, do console XBox 360. O jogo acompanha um controle em forma de guitarra, outro em forma de baixo, um semelhante à bateria e outro que se assemelha a um microfone. Na tela, aparecem os comandos para cada jogador. A fila para testar o "simulador" foi enorme o tempo inteiro.

Pelos corredores lotados da feira, anônimos davam seu show com uma guitarra, um par de baquetas ou até sem nada na mão, enquanto famosos iam e vinham a todo instante. No fim, dezenas de milhares de visitantes puderam conferir inovações do mercado da música, artistas consagrados do meio e até figuras inusitadas no meio da multidão. E que venha a edição de 2009.

AZUL 29

Resgate de um tempo

By Marcelo Vilela

Reavivar a memória do rock nacional e rever tempos passados é muito interessante para quem aprecia música de boa qualidade. E também para que as novas gerações possam ter a oportunidade de conhecer melhor, e até de certa forma se identificar com o trabalho de bandas que foram muito significativas no cenário musical da década de 80, uma época inovadora e importantíssima para a revolução da música pop eletrônica no País.

Os sintetizadores da new wave apontavam para o futuro.

Em meados de 1982, quatro amigos de São Paulo pertencentes a um pequeno círculo de pessoas que tinha como característica a busca constante por informação e a procura de novas idéias que traduzissem o panorama musical da época, resolvem se unir e fazer música por pura diversão.

O grupo a princípio surgiu da associação de dois membros: Eduardo (Amarante) nas guitarras e synth e Thomas (Bielefeld) na voz, teclados, violão de doze cordas e várias músicas compostas.

Com um surpreendente resultado musical e paixão pela música, os dois sentem a necessidade de convidar outros dois integrantes: Thomas Susemihl (ex-Agentss) no baixo e synth e também fotógrafo de moda que acabara de chegar da Alemanha, e Malcolm John Oakley na bateria, synair e bateria eletrônica.

Estava pronta a fórmula do que seria o Azul29: com sintetizadores analógicos, ritmo eletrônico e melodias pulsantes que criam climas com composições descontraídas e dançantes, uma mistura de sons mais densos, inquietantes e corrosivos, baseados nas tendências da música então contemporânea, de origem inglesa e alemã.

As letras abordavam temas que podem ser considerados atuais até os dias de hoje, como a consciência da diversidade e refrões futuristas.

A partir de uma apresentação no antigo Napalm foram surgindo inúmeros convites nas principais casas noturnas da paulicéia, como Madame Satã, Radar Tan Tan, Rose Bom Bom, Victória Pub e outras. Também se apresentaram em outras regiões do Estado de São Paulo com shows memoráveis no litoral e interior.

Uma banda avant-garde, que pretendia produzir um som novo para as FM's que estavam se espalhando pelo Brasil. Confira a entrevista:

Dynamite - O Azul29, embora tenha uma personalidade própria, soa com um ar futurista lembrando bandas na linha de Kraftwerk e Ultravox. Gostaria de saber quais são as influências da banda.

Thomas Bielefield - Sem dúvida, nosso som teve diversas influências, tipo Ultravox, Chameleons UK, Wire, Original Mirrors, entre outras. O curioso é que o Kraftwerk é uma banda dos anos 70, diferente do que a maioria das pessoas pensa. Eles atingiram o ápice com seu terceiro disco, chamado "Autobahn" lançado em 1974. Isso sim era futurista.

Dyna - O Azul29 tem música lançada num CD na Alemanha, e atualmente um vinil remix nos Estados Unidos. Qual a aceitação das bandas brasileiras da década de 80 nesses países?

Thomas - Foi surpreendente a aceitação, especialmente na Europa e Japão, mesmo que, quando o CD foi lançado, em 2005, a banda já não existisse mais tinha 21 anos. Provavelmente, na visão deles, tratava-se de algo exótico. De qualquer forma, creio que vendeu e certamente tocou mais do que nossos compactos no Brasil à época do lançamento. "Ciências Sensuais" entrou para o setlist de casas noturnas e de rádios nos EUA, Itália, França, Japão e Alemanha.

Dyna - O que significa Azul29? Por que escolheram este nome?

Thomas - Nosso som apresentava duas vertentes não excludentes. Por um lado tínhamos músicas mais leves, dançantes e descompromissadas, que lembravam a cor Azul. Mas também tínhamos músicas mais dark e engajadas, que batizamos de 29, tendo como referência a grande depressão mundial de 1929.

Dyna - O que vocês estão ouvindo nos dias de hoje, e qual sua opinião sobre as novas bandas?

Thomas - O cenário nacional é talvez o pior de todos os tempos. Basta ver os "principais" prêmios (Tim, Shell, Sharp - ainda existe?) de 2008, nos quais foram agraciados Maria Bethânia, Caetano Veloso, Gilberto Gil. São saudadas como grandes novidades bandas do naipe de NX Zero e Fresno e são comemorados Caetano e Roberto Carlos afora João Gilberto como shows do ano. Tem dó. Acho que a cena só sobrevive em função de DJ's criativos, pois artistas desbravadores não existem mais. Gosto da banda Elegia (de São José dos Campos) e da banda Enjoy Live!, de Belo Horizonte. Particularmente ficamos ouvindo as bandas do exterior, desde progressivo até black metal, passando pelo new folk nórdico.

Dyna - Por que a banda se desfez? Vocês têm novos projetos?

Thomas – Éramos uma banda de amigos que tocava por hobby, até sermos contratados pela WEA. O problema é que tínhamos profissões diferentes, que nos tomavam de segunda à sexta-feira, e aí, com o aumento de shows, cada vez mais "profissionais" e com público maior, se tornou inviável conciliar ambas as agendas, até porque não podíamos sair das redondezas de São Paulo, em função de nossos compromissos. O Azul29 teve seu momento e definitivamente não volta, apesar de alguns honrosos convites para retornar ou ao menos se apresentar esporadicamente. No próximo ano vamos comemorar 25 anos de extinção da banda, mas é muito gratificante ter gente interessada em nosso som que de alguma forma conseguiu ser atemporal a ponto de ter admiradores que sequer haviam nascido quando paramos.

Dyna - O percurso do Azul29, as músicas e vídeos, estão disponibilizados na internet para que os novos leitores possam obter uma pesquisa mais detalhada?

Thomas – Todas as nossas músicas, letras, vídeos, fotos, etc, estão sendo disponibilizados gratuitamente na internet em nossa comunidade no Orkut (Azul 29 – O Teu Nome Em Neon) e os leitores estão convidados a participar. Além disso, mais de 20 vídeos estão disponíveis no YouTube. Os comentários e avaliações são bem-vindos.

CAMDEN

O Punk ainda vive

By Fernando Carpaneda

Direto de Washington DC vem um dos remanescentes do movimento punk nos EUA, a banda Group36. Quem falou mais sobre o grupo, sobre shows e até sobre política americana foi o descontraído vocalista e guitarrista Camden. O músico, que trabalha atualmente em seu novo projeto, conta como anda o movimento punk na capital do país mais rico do mundo.

Fotos: divulgação

Dynamite - Conte aos leitores um pouco sobre você.
Camden - Eu comecei a tocar bateria no colégio quando era criança. Quando estava no segundo grau, comecei a tocar guitarra e formei o Group36. A banda fez muitos, muitos shows, tocando assiduamente na Virgínia do Norte, Washington DC, Maryland e Pensilvânia. Gravamos dois CD's pela minha gravadora, Dead In The Streets Productions, e gravamos também vários CD's demo para distribuir de graça para o público. Nós tocávamos em qualquer lugar, com qualquer um e a qualquer hora, o que era muito massa. Ano passado eu formei o Rival Factions e gravamos um novo CD antes de eu deixar o grupo para escrever minhas próprias músicas e me dedicar ao meu novo projeto.

Dyna - Em que outras bandas você já tocou?
Cam – Além da minha banda, eu já fui baixista dos Needless Guilt, Fierce Allegiance e Total Chaos.

Dyna - Quais são suas influências?
Cam - Eu gosto de todo tipo de música e tento não ficar limitado ouvindo um só estilo, mas eu cresci ouvindo The Ramones, Iron Maiden, Motörhead e todo tipo de bandas street punk.

Dyna - Como você escreve suas músicas? O que é preciso para escrever um bom punk rock?
Cam - Eu geralmente começo escrevendo as letras e depois faço a música tocando guitarra. Depois minha banda dá opiniões, inclui os outros instrumentos, e começamos tudo novamente. Normalmente, começamos a criar as músicas de um jeito e depois de pronta a música fica totalmente diferente do que era quando começamos. Um bom punk rock não pode ser pesado. Versos simples e música simples são o segredo. Muitas bandas às vezes fazem versos que parecem contadores de histórias e isso às vezes interfere na relação com os fãs, pois acaba ficando um pouco distante do que o público gosta de ouvir.

Dyna - Se você pudesse escolher alguém vivo ou morto para sair numa turnê, quem seria?
Cam – Eu gostaria muito de sair em turnê com o The Ramones. Eu tenho tocado com a banda do Marky Ramone, mas não é a mesma coisa.

Dyna - O que mais está te deixando puto nesse momento?
Cam - O atual estado em que nosso país se encontra é incrível! Nossa sociedade está indo bem, mas o governo colocou na cabeça de todo mundo que estamos em recessão. Isso porque o governo está tendo uma despesa inútil e interminável com a guerra e para continuarem alimentando os seus bombardeiros eles precisam mexer no nosso bolso. Mas todo mundo está satisfeito com o fato de Sarah Palin querer regrar o país.

Dyna - Se você pudesse mudar alguma lei no país, o que seria?
Cam - O direito de portar armas deveria ser proibido. Aqui em Washington, onde eu moro, existe um grande problema com armas de fogo. Várias pessoas já morreram, e isso é fato.

Dyna - Você sempre morou em Washington? Conte um pouco sobre a cena punk daí.
Cam - Eu sempre toquei em Washington DC, e moro aqui há alguns anos. Já fiz vários shows por aqui, mas o que acontece é que eu não me enquadro em nenhuma cena específica e sempre faço as coisas do meu jeito. Não gosto de me sentir amarrado em um movimento em particular e ter a obrigação de manter meu corte de cabelo moicano para provar que sou punk. Acho isso estúpido, mas muitas pessoas levam isso a sério e isso deixa de ser algo legal.

Dyna - E sobre gravações? Você tem algum novo CD?
Cam - Eu estou trabalhando em um novo projeto com o guitarrista do Group36, e um projeto acústico para alguns shows e em outro projeto com a banda. Está sendo ótimo. A maioria das minhas músicas está disponível no MySpace, Interpunk e Punkutopia.

Dyna - Você está consciente sobre o aquecimento global?
Cam – Sim, eu estou. É muito óbvio que nós estamos tendo problemas. Se você prestar atenção no nosso clima aqui, nós sempre estamos tendo altas e baixas temperaturas o tempo todo. Isso antes não acontecia. Isso porque já destruímos nosso ar, nossa vegetação e nosso sistema ecológico. E realmente me assusta o fato disso estar ocorrendo por causa das perfurações de petróleo.

Dyna - E sobre família? Você é casado? Tem filhos?
Cam - Eu sou um cara família. Sou casado com a Jennie e nós temos dois cachorros, Brody e Stitches. Jennie e eu estamos planejando ter filhos no futuro. Eu quero ser aquele tipo de pai que os filhos gostam de falar pra todo mundo como o pai deles é um cara legal.

Dyna - Você pode dar aos nossos leitores o seu website ou seu MySpace?
Cam – Claro. www.myspace.com/cam36. Vocês podem ouvir a banda e meu novo projeto vai estar na página logo.

Prog Rock contra a maré

By Bruno Silva

Divulgação

Tocar um estilo musical que foge dos padrões convencionais da grande mídia é, invariavelmente, um desafio. Num universo em que praticamente qualquer pessoa pode gravar e produzir sua própria discografia, é cada vez mais difícil se estabelecer no mercado musical. Contudo, ainda há visionários que encaram esse desafio. "Já passou da hora de pararmos de aceitar qualquer porcaria que nos enfiem goela abaixo", defende Caio Teixeira, baterista da banda paulista Deventter. O grupo aposta num rock "com pitadas de progressivo", nas palavras do guitarrista André Marengo. "A sonoridade, nitidamente fora do habitual, apresenta capricho e riqueza de detalhes. [illegible] petência dos músicos se torna evidente em todas as faixas. A banda está trabalhando atualmente na divulgação de seu primeiro disco, "7th Dimension", e já prepara composições para seu sucessor, que deve sair ano que vem. Confira a entrevista:

Dyna - [illegible] fazem?

Felipe Schäffer - A música é progressiva, mas bastante voltada para o rock'n'roll, passando pelas diversas vertentes originadas por ele. Por isso, preferimos definir nossa música como rock progressivo. Mas, na verdade, nosso som é uma grande mistura de [illegible] surgem naturalmente nas jams e nos ensaios. Não importa se misturamos grunge com thrash metal, funk com heavy metal, etc. Contanto que a música soe bem aos nossos ouvidos, está perfeito.

Dyna - E como os fãs têm recebido esse trabalho? Existe esse discurso "[illegible] prog, é metal, não é metal"?

André Marengo - Tivemos um grande apoio de nossos fãs, desde quando iniciamos a divulgação do "The 7th Dimension". Eles nos ajudaram muito [illegible] sim porque fazemos um rock'n'roll com pitadas de [illegible] a estruturas definidas; apenas deixamos nossa música progredir.

Dyna - Existem influências que são até óbvias no som do Deventter, como Rush, Genesis e Dream Theater. Existe alguma que seja mais inusitada?

Leonardo Milani - Inusitada não sei. Mas influência é o que não falta. Além das que você citou, muitas bandas também fazem parte do nosso "inspiration corner": Beatles, Gov't Mule, Metallica, Black Sab[illegible] Ice In Chains, Grand Funk Railroad, Rammstein, Led Zeppelin, Queensryche, Spock's Beard, Enchant, The Mars Volta, Pain Of Salvation, etc.

Dyna - Como foi fazer a abertura para o show do Dream Theater - que é considerada a maior [illegible] Qual foi a importância desse evento para a carreira do Deventter?

Danilo Pilla - Foi o dia mais intenso e feliz do Deventter. O Dream Theater foi uma de nossas [illegible] fazer a abertura do show deles em Belo Horizonte foi realmente uma honra. Somos muito gratos pela [illegible] pois com após apenas um ano de lançamento [illegible]

Dyna - [illegible] Brasil? Como [illegible] música hoje?

Caio Teixeira - [illegible] é um grande desafio. Mas isso não é exclusivo desse gênero. Outros estilos musicais também encontram muitas barreiras no País, como é o [illegible] cultura". E mudar essa história é um dos objetivos do Deventter. Ao longo de nossa caminhada pela música, encontramos muitas pessoas com esse mesmo ideal e acreditamos que juntos temos condições de melhorar a situação. É aquela história: quem faz a cena musical é a própria cena musical. Então, mudar os rumos, não só da música, mas da cultura brasileira, é direito e, por que não, dever dos próprios brasileiros. Já passou da hora de pararmos de aceitar qualquer porcaria que nos enfiem goela abaixo. Nesse ponto, a Internet tem sido uma grande aliada. É principalmente por causa da Internet que o mercado da música progressiva continua ativo. Ele só não tem destaque na mídia, mas isso não significa, de modo algum, que esteja em baixa.

Dyna - Como está sendo a divulgação do novo disco, "7th Dimension"?

André - Quebramos muito a cabeça para planejar a divulgação do disco. Modéstia à parte, sabíamos que tínhamos um material de qualidade, musicalmente falando. E partindo desse pressuposto, orientamos a divulgação para um público formador de opinião, que se interessa por rock, sendo progressivo ou não. Não queríamos limitar nosso alcance, pois acreditamos que nosso público não está limitado a um gênero ou outro. Se uma pessoa gosta de heavy metal ou thrash metal, por exemplo, ela possivelmente gostará de algumas músicas do CD. E isso está se tornando mais claro nas composições de nosso segundo álbum. As músicas estão bem diversificadas, e a mistura de estilos está se tornando uma constante natural.

Dyna - Quais os projetos para o futuro da banda?

Hugo - Estamos trabalhando em nosso segundo CD. Já temos aproximadamente uma dúzia de músicas prontas, e pretendemos entrar em estúdio em meados de fevereiro. Também estamos lançando novos materiais, que foram gravados nos shows que fizemos com o Dream Theater, no Roça'n'Roll, com o Circle II Circle, na Expomusic, etc.

LES RESPONSABLES

Chanson française à brasileira

By Maira Hirose

Divulgação

Com influências que vêm dos maiores representantes do yé-yé francês, Serge Gainsbourg e Jacques Dutronc, os gaúchos do Les Responsables, que estão na estrada desde 2006, enfim se prepararam para lançar o primeiro disco da banda, trazendo o saudosismo a "belle époque". O grupo, que entrou em estúdio no começo de outubro, pretende finalizar as gravações de seu primogênito no final deste mês e devem jogá-lo na praça, na seqüência, ou seja, brevemente.

Como acontece com a maioria das bandas e músicos que integram a cena alternativa, com os gaúchos não é diferente: para conseguir tal feito, tiveram que buscar patrocínio, no caso, de um novo selo independente, o Sol Discos. O disco reúne dez canções e os fãs do grupo podem comemorar, pois o mesmo não pretende abandoar a linha de trabalho seguida por eles desde os seus primórdios, ou seja, mantendo o gênero escolhido – a nata do rock'n'roll francês e da vanguarda européia, agregado a influências de rock dos Anos 60 com pitadas de pop rock – associado a um novo elemento, o "experimentalismo musical".

Mais unida do que nunca, a banda, que recentemente passou por reformulações e hoje é integrada por Erwan Pottier (no vocal), Felipe Faraco (no baixo), Luciano Bolobang (na bateria) e Pedro Pastoriz (na guitarra), pelo visto, está se valendo de tal interação entre seus membros, o que vem refletindo diretamente no processo criativo do quarteto e na fluidez de seus trabalhos.

Em entrevista exclusiva para a revista Dynamite, o vocalista da banda contou mais detalhes de como está sendo a produção do primeiro disco do Les Responsables e o novo momento vivenciado pelos seus integrantes. Na ocasião, Pottier ainda deu seus "pitacos" sobre outras questões, principalmente as que concernem a cena musical brasileira. Confere aí:

Dynamite – Vocês estão trabalhando em estúdio desde quando? E qual é a previsão para o término deste processo?
Erwan Pottier – Estamos em estúdio há alguns dias, desde o início do mês de outubro, e pretendemos finalizar a gravação do disco ainda no final de outubro.

Dyna – E como vem sendo a produção deste primeiro disco do Les Responsables?
Pottier – Então, considerando que é tudo pago pelo selo, e por não poder investir demais, a base vai ser de dez músicas. Mas nós já estamos com outras na manga, que serão lançadas futuramente, no nosso próximo disco.

Dyna – Todas as canções deste disco vão seguir a mesma linha de trabalho?
Pottier – Até o momento, só tivemos oportunidade de lançar demos, que foram gravadas com um custo baixo, em torno de R$ 200,00. Na ocasião, a gente mesmo fez em torno de 30 cópias, que foram distribuídas por aí. Já quanto ao estilo, ele se mantém neste álbum, fica nesse lance das EP's anteriores. Mas, por outro lado, é difícil dizer, pois este tem coisas "experimentais", muitos gêneros envolvidos. Porém, tudo no sentido do rock e da canção francesa.

Dyna – Dando continuidade à tônica deste primeiro CD da banda, me conte mais detalhes sobre ele.
Pottier – Então, ele tem uma música que se chama "L'Affaire", que nasceu de um trecho de "La Vaporisation" (música do último EP lançado pela banda). Os fãs do grupo podem esperar a mesma tônica dos trabalhos anteriores, além do estilo em que eles foram desenvolvidos, principalmente quanto ao caminho percorrido desde o começo do grupo. É difícil dizer porque estamos no início de muitas músicas a seguir, e estamos com várias já no ensaio, que não entraram no disco. Tanto que tem uma nova que vamos botar no disco de tão legal que ficou. Agregado a isso, neste momento, estou particularmente feliz, por ter desenvolvido minha voz, que era bem fraca no início da carreira.

Dyna – Vocês pretendem seguir a linha de muitos artistas, como acontece recentemente com Bob Dylan, de aderir também ao lançamento de disco virtual, além do formato físico?
Pottier – Como temos um contrato com um selo, dependemos dele. Confesso que ainda não sou muito ligado nisso.

Dyna – Por conta disso, como você enxerga e avalia esta nova tendência?
Pottier – Ah, sei lá! Tenho várias opiniões. De um lado, como ouvinte, existe a possibilidade de baixar o último disco de qualquer banda bem sucedida. De outro, existem as bandas independentes que colocam seus discos auto-produzidos. Neste caso, para eles tanto faz, pois o interesse maior é ser divulgado.

Dyna – E vocês se inseririam neste bolo?
Pottier – Não sabemos ainda. Até agora, não entramos dentro dessa guerra, mas quem tem um mínimo de cérebro sabe que é mais interessante ter sua música disponível para o máximo de ouvintes possíveis. Só os grandes "vendedores" têm interesse em segurar esse processo. Agora, as pequenas bandas têm tudo a ganhar em disponibilizar seu trabalho na internet.

Dyna – E vocês, como pretendem divulgar o próximo trabalho do Les Responsables?
Pottier – O selo vai fazê-lo, mas pretendemos também usar a internet, o "boca-a-boca", com os shows também. Mas, por outro lado, não me vejo tocando e ficar anunciando para o público a venda de CD's, porém, sei que vou ter que fazê-lo. Mas bem rapidinho, pois odeio me vender assim e adoro me vender cantando. Não tenho nenhum traço de falsa modéstia. Pra mim isso tudo é uma questão de conceito, de postura. E até isso prejudica a gente, pois eu chego no palco e vejo como uma conquista, cada vez maior, de enfrentar o público, de fazê-lo dançar em nossos shows. Adoro isso, ver que as pessoas estão se mexendo por causa do nosso som. Esse é o nosso gozo maior. Se não, basta colocar um som mecânico (risos)! Não sou muito expansivo e isso prejudica a gente para fazer "amizade" e mais shows. As pessoas devem me achar blasé, metido, mas eu não sou. Na verdade, eu sou muito tímido. Sei lá, minha função é subir no palco e arrasar.

MADAME SAATAN
Rumo ao Sul

By Maira Hirose

Com um trabalho bastante peculiar, ao misturar metal com outros estilos musicais, que vão desde pop rock, jazz, mpb, até a música regional, os paraenses do Madame Saatan só têm o que comemorar. O grupo, que acaba de voltar de uma turnê pelo Nordeste, mal aportou em São Paulo, cidade na qual escolheram fixar residência, e já planeja voltar a colocar o pé na estrada novamente, só que desta vez, rumo ao Sul do País.

Fundada há alguns anos na cidade de Belém (PA), a banda – formada por Sammliz (voz), Ícaro Suzuki (baixo), Edinho Guerreiro (guitarra) e Ivan Vanzar (bateria) – começou no circuito underground com um trabalho de "formiguinha", e, cada vez mais, vem angariando fãs pelos "quatro cantos" deste imenso Brasil. Um dos grandes responsáveis por tal feito tem sido o circuito dos festivais de música independente. A partir do momento em que o grupo conseguiu adentrar neste mundo, vem conseguindo levar seu rock'n'roll poderoso e visceral a um número maior de pessoas.

Os músicos já participaram dos principais eventos deste tipo realizados por terras brasileiras, entre eles Varadouro (AC), Jambolada (MG), Porão do Rock (DF), Calango (MT) e Se Rasgum no Rock (PA). Desde então, o grupo vem arrancando elogios, seja da mídia especializada, seja do público de maneira geral, que vão com um olhar mais atento diante do trabalho feito pelo quarteto. No entanto, os integrantes do Madame Saatan começaram o caminho inverso de muitos que ingressam na cena musical: iniciaram a sua batalha sem almejar chegar ao cume da montanha, e sim em "fazer a coisa" de forma despretensiosa, movidos apenas pela paixão que nutrem pela música.

Os arranjos musicais ousados são apimentados pela bela, forte e marcante voz de Sammliz, que com influência da poesia lúgubre de seus "musos inspiradores" - entre eles, Edgard Allan Poe, Augusto dos Anjos e Oscar Wilde - compõe músicas de uma áurea umbrosa, em contraponto com a luminosidade poética das mesmas. Com CD homônimo (lançado em 2007), o disco reúne dez ótimas canções, cujo destaque, sem sombra de dúvidas, vai para "Devorados", "Molotov", "Vela" e "Cine Trash".

Dynamite – Como nasceu o Madame Saatan?
Sammliz – Todos vieram de várias outras bandas, mas o que deu o pontapé valendo para o que viria a ser o Madame Saatan foi o fato de termos sido convidados para fazer a trilha sonora de um espetáculo chamado "Ubu, Uma Odisséia em Bundalélé", baseado no "Ubu Rei", de Alfred Jarry. A banda já existia e já compunha, mas a temática de quase todas as primeiras músicas foram redirecionadas para esse espetáculo, incluindo "Prometeu" e "Apocalipse", que estão em nosso primeiro CD. O grupo sofreu uma alteração na formação com a saída do Zé Mário, que empunhava a outra guitarra e saiu porque tinha outros projetos. Mas foi tudo na boa, pois ainda somos muito amigos.

Dyna – De quando a banda foi formada até os dias de hoje, os objetivos de vocês mudaram?
Sammliz – A banda foi montada despretensiosamente e com o único intuito de fazer o som que queríamos: pesado e sem amarras. Ainda estamos nessa e o que mudou foi que passamos a trabalhar de forma profissional a banda.

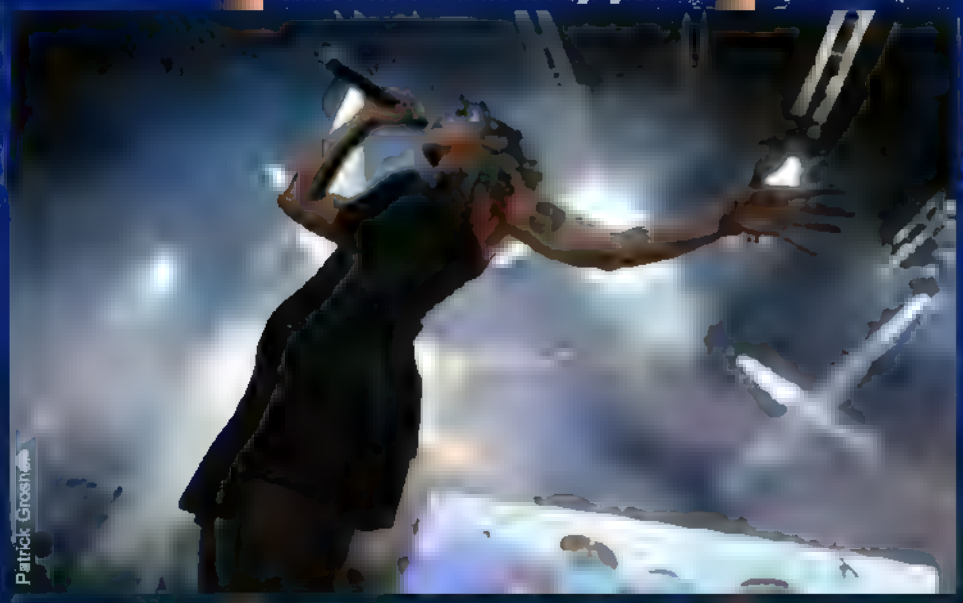
Dyna – Vocês optaram por um estilo musical, que já há alguns anos não é muito vendável aqui no Brasil, o metal. De que forma esta dificuldade mercadológica influencia a batalha de vocês por um espaço?
Sammliz – Quando começamos com a banda não ficamos pensando em mercado. Era aquele lance de fazer o que queríamos e ainda o é. Fazemos som pesado, com toda a base galgada no metal, mas não achamos que o som possa ser rotulado como tal, já que agregamos um monte de "coisinhas" a ele, incluindo aí a mpb, ritmos regionais, jazz, blues e o pop. Bem, para a gente seria uma honra que fôssemos lembrados como uma banda de metal. No entanto, infelizmente, acho que os adoradores do estilo não diriam isso de nós. Por isso, desencanamos disso há tempos e hoje nos consideramos fazedores de música brasileira com um pouco mais de vísceras. Não temos a mínima idéia de onde isso vai dar, mas por enquanto está nos levando para lugares nunca antes pensados.

Dyna – No ano passado, vocês lançaram o primeiro CD da banda, homônimo. Como foi a sua produção?
Sammliz – Gravamos o disco em sete dias em um estúdio de um amigo, que fez um preço de irmão. Levamos Jera Cravo para captar o som e mixar. Já a parte da mixagem foi feita em Salvador, no estúdio dele. O processo de gravação em si foi bem rápido, visto que não tinha como ser diferente, mas já vínhamos há um tempo trabalhando na pré-produção desse disco. Não tivemos tempo de trabalhar mais nos detalhes, por outro lado, mesmo assim acho que ficou um bom trabalho.

Dyna – Quais as dificuldades maiores que vocês vêm enfrentando, desde quando começaram a carreira? E como vem sendo a receptividade do público diante do trabalho do Madame Saatan?
Sammliz – As dificuldades de qualquer banda independente, sem grana, o que vem sendo compensado pela receptividade do público. Estamos na batalha como "formigas" incansáveis e conquistando, aos poucos, o nosso público pelo Brasil.

Dyna – Em poucos anos de estrada, vocês já tiveram o privilégio de tocar em grandes festivais de música do País, como Varadouro e Porão do Rock. Como vem sendo esta experiência e de que forma ela contribui para a consolidação da banda?
Sammliz – A gente amadurece mesmo é tocando por aí, em festivais de pequeno a grande porte. Cada um deles provoca sensações diferentes e levamos sempre algo a mais depois dessas participações. Vemos grandes bandas em ação, conhecemos um tanto de gente. Aprende-se, estressa-se, ganha-se e começa tudo de novo.

Dyna – Quais as vantagens ou desvantagens de se tocar nestes festivais?
Sammliz – Tínhamos grandes dificuldades para sair de Belém, para tocar em muitos festivais. Tivemos que nos bancar diversas vezes e até hoje ainda temos dívidas por conta disso. Alguns tiveram a vantagem de nos dar, além de uma boa recepção do público, pequeno ou grande, uma maior reverberação, por meio de notas em resenhas de sites e revistas, que nos renderam mais desdobramentos. É bem difícil no começo furar a parede de bandas que estão na mesma correria que você, conseguir um lugar ao sol na escalação dos festivais e ainda ter que tirar do bolso, mas não tem jeito. É assim! Mas você precisa tocar nesse circuito!


Patrick Grosner

Dyna – A internet vem sendo a grande aliada na divulgação do trabalho do Madame Saatan, assim como de diversas outras bandas que integram a cena alternativa. Qual a importância dela na vida de vocês?
Sammliz – A internet faz parte da rotina de qualquer banda. Divulga e é um canal direto com o público, bandas e produtores. Não estar antenado com a tecnologia hoje em dia é ficar "marcando passo" no mesmo lugar.

Dyna – Vocês são de Belém e há cerca de cinco meses estão morando em São Paulo. Quais os motivos principais que levaram a essa decisão?
Sammliz – É muito caro ficar viajando do Norte para qualquer lugar do Brasil. Isso estava quebrando nossas pernas e não teve jeito. Para poder circular melhor, tivemos que vir para Sampa.

Dyna – Desde então, como vem sendo a adaptação de vocês em São Paulo? Quais as maiores dificuldades enfrentadas por vocês aqui e de que forma tem valido a pena para vocês estarem morando na cidade?
Sammliz – Estamos há seis meses e está sendo tranqüilo, não temos muito que reclamar. Claro, perdemos muitas "mordomias". A grana é contada, rola toda aquela saudade, mas em troca estamos tendo uma boa agenda e coisas legais têm acontecido. Fizemos festivais bem bacanas, fomos endossados por ótimas marcas (ESP/LTD, Samsom, Groovin, Stagg), temos novos amigos, estamos compondo.

Dyna – Conte mais sobre o disco de trabalho do Madame Saatan. Percebe-se que a influência maior e que rege todo o álbum, sem sombra de dúvidas, é o metal, mas por outro lado, são nítidas as influências regionais, entre outros estilos musicais. Como estes elementos são agregados na composição de suas canções?
Sammliz – Esses elementos vêm naturalmente e em pequenas ou imperceptíveis doses. Nós crescemos, de certa forma, imersos nesse "caldo de ritmos" e não fazemos questão de esconder isso.

Dyna – Vocês conseguem emanar uma mensagem de certa forma positiva, "pra cima", sem deixar de lado a influência "down". Isso tem a ver com a forma como vocês sentem e enxergam o mundo?
Sammliz – Sim, pode acontecer uma influência em algum grau de uma linha pessimista em algumas das letras e não gosto de ter muitos compromissos com a linearidade. Já fui leitora voraz de Augusto dos Anjos, Wilde e Poe, mas também de vários autores que fogem por completo dessa temática, e, portanto, minhas influências são bastante contrastantes. Em geral, não conto histórias, gosto de colar imagens e faço isso de preferência com um sorriso inquieto, porque afinal, só nos resta rir e aprender com as nossas desgraças. O caos e a desgraça podem ter uma lufada de frescor no resultado final.

Dyna – Vocês recentemente fizeram uma turnê pelo Nordeste. Como foi essa "tour"?
Sammliz – Foi ótima. O Nordeste é lindo e já estamos na pilha de ir para o Sul do País.

Dyna – Como surgiu o nome Madame Saatan para intitular a banda?
Sammliz – O nome foi por causa da trilha do espetáculo. Como era baseado no teatro do grotesco e do absurdo, achamos que o nome caiu bem. Além de ser contraditório, feminino e forte.

Dyna – Os integrantes do Madame Saatan desejam o quê, afinal de contas? Fama ou sucesso?
Sammliz – Escolhemos ter uma carreira, construir algo sólido e ter paciência para isso. Acho que é possível para qualquer um: fama x reconhecimento, fama x decadência, reconhecimento x falência, anonimato x anonimato etc.

Dyna – Pelo que se nota, embora vocês sejam do "metal", obviamente ouvem outros gêneros musicais, também. O que vocês têm ouvido ultimamente e de que forma todos os estilos contribuem e influenciam o trabalho do Madame Saatan?
Sammliz – Bem, não são todos os estilos que nos influenciam ainda que paremos, muitas vezes, para escutar um pouco de tudo que está ou já foi feito em relação à música. Muitas das coisas que gostamos, não necessariamente achamos que devem entrar em algo só por causa disso. Para nós é natural essa coisa de estar de braços descruzados para música e para o que gostamos de fazer, achamos importante manter este hábito, torná-lo permanente. Para outros músicos isso pode não tem importância alguma e não acho necessariamente ruim.

Dyna – Qual o conselho que dariam para as bandas que estão começando?
Sammliz – Ter paciência e não ficar de braços cruzados esperando a "sorte grande" chegar. Às vezes ela nunca chega, mas, também, não é por isso que tu não vais poder ter uma carreira digna. Aprender a se auto-produzir, estudar, tocar o máximo que puder e em tudo que é local. Se jogar na vida.

Dyna – E, para finalizar, quais os sonhos dos integrantes do Madame Saatan?
Sammliz – Tocar, compor, tocar e receber os amigos em casa para café, bolo e biscoitos feitos por mim.

LIBRA

Inovando para não ser igual

By Luciano Vitor

Alguns artistas, na tentativa de criarem um simulacro de si próprios, acabam por se tornar um pastiche, algo muito ruim ou tragicômico, quando dão os primeiros passos em direção a algo inusitado, diferente ou mesmo para se destacarem de outros artistas ou bandas. Nem sempre a arte consegue ser inovadora ou mesmo criativa, e a culpa sempre recai sobre quem começou toda a história. Um mau planejamento pode pôr toda uma carreira a se perder logo de início.

Não foi esse o caso do jovem que conhecemos por Libra, que acaba de lançar seu primeiro trabalho com matizes bastante ousadas para o mercado fonográfico. Primeiro que desde a concepção até a arte que cerca todo o seu trabalho, Libra teve o cuidado de começar a sua trajetória de maneira que tudo que remetesse ao seu trabalho tivesse um cuidado quase suíço, da arte do seu CD, intitulado "Até que a Morte não Separe", até o grandioso videoclipe da sua primeira música de trabalho, "Na Minha Pele" (um verdadeiro delírio cinematográfico dirigido por Eduardo Kurt, diretor e amigo de Libra, como poucas vezes se viu).

Sobre a sua estréia, seu CD e outros fatos importantes que estão impregnados em seu trabalho que a Dynamite conversou com Libra e teve uma bela surpresa. Para quem está começando, Libra está há mais tempo do que se imagina no meio musical. Sua inteligência e sensibilidades aguçadas também impressionam. Acompanhe como foi a nossa conversa e tire suas próprias conclusões.

Dynamite – É interessante notar que você esperou um pouco para entrar no cenário e não em um momento em que bandas de metal melódico eram sucesso nas rádios nacionais. Isso se deve a quê? Você teve a intenção de ser cauteloso ou o seu momento era realmente agora?

Libra - Para falar a verdade, eu nunca acompanhei com olhos de produtor o chamado "cenário". Comecei a gravar esse CD em 2003, mas já era uma concepção de som e letras que me acompanhava desde a minha primeira demo (ainda em inglês) gravada em 1998. A demora na finalização do meu álbum se deu simplesmente pela falta de recursos técnicos e de dinheiro. Meu modesto "home studio" não comportava a gravação de bateria acústica e por isso tive que gravar todos os instrumentos (guitarras, baixo, teclados) por cima de uma bateria eletrônica, o que me entristecia muito. Só quando meu grande amigo e produtor Carlos Trilha resolveu me estender a mão que eu pude finalmente substituir todas aquela bateria eletrônica por bateria "de verdade". E como eu não tinha nada para oferecer, tinha que esperar horários vagos no seu estúdio. Muitas outras coisas contribuíram para essa demora. Sinceramente, eu adoraria ter terminado esse CD antes, mas não por uma questão mercadológica. Eu adoraria que meu pai tivesse vivido mais para poder ver brotar algo que ele ajudou e incentivou a plantar. Esso, para mim, é a pior parte. Mas... Como dizem que tudo tem o seu tempo, me reconforta achar que meu tempo é agora. Se eu ficar me punindo por não ter lançado o disco antes vou me deprimir ainda mais.

Dynamite - Notei que você utiliza muitos elementos do metal melódico, mas faz uma bela ponte com o pop. Mas em termos de agressividade musical você foi bastante cauteloso. Por quê?

Libra - Apesar de ter em minha bagagem musical muitas influências agressivas, de bandas como Carcass, Canibal Corpse, Death e Cradle Of Filth, não sinto que sou uma pessoa agressiva. E como os sentimentos que quis colocar para fora nesse álbum também não eram agressivos, não vi muita necessidade de ir por esse caminho. Preferi colocar "emoção" nos riffs e nos arranjos e, por estar cantando em português (e querer ser compreendido), não achei que caberia mais peso do que o CD tem. Falando do lado pop, minhas influências dão um salto, que vão do metal depressivo (My Dying Bride, Paradise Lost, Anathema) direto para o pop eletrônico europeu dos anos 80 (A-Ha, Depeche Mode, Duran Duran). E eu não queria deixar esse meu lado de fora. Acho que o resultado foi um som pesado o suficiente para ser classificado como rock/metal e limpo o suficiente (principalmente na voz) para ser pop. Mas nada disso foi premeditado. Saiu assim. E se saiu assim, era assim que tinha que ser mesmo (risos).

Dynamite - Para você, cantar em português faz mais sentido do que em inglês?

Libra - Acho que, no que diz respeito à mensagem, não faz diferença. Acho, sim, que compor em inglês é infinitamente mais fácil. Mas sinto que se fosse para investir em um disco em inglês eu deveria sair do Brasil. Não vejo muito sentido em fazer minha casa em um país e me comunicar em outra língua. Se for para ficar aqui quero que as pessoas daqui entendam aquilo que eu digo. Quero que entendam aquilo que eu sinto. Compor em português foi um enorme desafio para mim. Fugir do "brega" é muito difícil. Mas acho que, no fim, eu me saí muito bem e acabei sendo um tanto "pioneiro" sem querer.

Dynamite - Começar por uma gravadora major é mais desafiador do que se você tivesse começado em uma independente ou tanto faz?

Libra - Como esse é o meu primeiro trabalho a ser lançado, ainda não sei muito bem. Mas fico muito envaidecido em saber que antes de procurar gravadoras alternativas eu "me dei o direito" de tentar as grandes. Recebi resposta de três e ainda pude escolher. A Sony/BMG foi (e está sendo) incrível em todos os sentidos. Eles apoiaram e acreditaram em toda a concepção na qual eu havia trabalhado. E ao contrário do que muitos pensam com relação a uma grande gravadora, eles não mudaram nenhum acorde, nenhum volume. Nada .. Respeitaram todas as minhas escolhas e investiram no meu sonho de uma maneira que eu nunca poderia ter realizado sozinho. Estou feliz com a minha escolha e espero poder retribuir todas as expectativas deles.

Power metal de corpo e alma

By Bruno Silva

Músicos, principalmente os de bandas famosas, são cheio de projetos. Seja um projeto solo num estilo totalmente diferente do que se costuma trabalhar, ou mesmo uma iniciativa semelhante, parecida até, mas com mais liberdade criativa. Assim começou o Almah como um projeto de Edu Falaschi, vocalista do consagrado Angra. Em 2006, com músicos de grandes bandas do cenário mundial, como o guitarrista Emppu Vuorinen (Nightwish) e o baterista Casey Grillo (Kamelot), Falaschi trabalhou nas gravações do disco de lançamento, "Almah".

O som é "um novo power metal, uma evolução", segundo Falaschi. O disco mescla baladas com músicas mais rápidas. Mas aqui e ali vê-se a pitada de sonoridade brasileira que destacou o Angra como uma das bandas brasileiras mais respeitadas no exterior. A faixa "Invisible Cage", por exemplo, traz uma batida de tambores na introdução que chega a lembrar a clássica "Carolina IV", do Angra. A balada "Shade of My Soul" apresenta a suavidade e a melodia típicas dos pioneiros do estilo, lá nos anos 80. A rápida "Fragile Equality" evidencia a técnica dos músicos e apresenta uma sonoridade pesada. E o disco todo traz esse equilíbrio.

O novo disco segue um conceito. "Fragile Equality" trabalha a idéia do "equilíbrio de todas as forças do universo. A fragilidade que causa as guerras, o equilíbrio necessário para viver em harmonia", nas palavras do próprio Edu. Houve uma preocupação em trabalhar a imagem do disco e os temas de forma a conferir unidade ao trabalho. "A gente foca num assunto só e se aprofunda nele".

O disco chegou ao mercado mundial na última semana de setembro. Para Edu Falaschi, é importante que o lançamento seja feito mundialmente, por causa do compartilhamento de arquivos na internet. "Assim todo mundo ganha. Quando muita gente baixa o disco, as vendas caem bastante". Toda a produção do álbum levou seis meses.

O projeto foi tão bem aceito pela crítica e pelo público que o cantor saiu em turnê internacional com artistas convidados (todos brasileiros). Era ainda um projeto, mas já tomava grandes proporções. Em setembro último foi feito o lançamento mundial do segundo disco do Almah, "Fragile Equality". Aclamado pelo público e pela mídia especializada, o disco pôs fim ao formato de projeto e alçou a banda Almah ao rol dos maiores nomes recentes do power metal mundial. "Agora o Almah é uma banda", disse o vocalista Edu Falaschi, que também produziu o disco e se espantou com a receptividade dele. "Eu fiquei até surpreso com a reação da crítica, principalmente a européia", comentou. "É gratificante".

Foi a primeira experiência de Falaschi como produtor e vocalista ao mesmo tempo. "É difícil, porque você tem que prestar muita atenção. Você sabe que se você não fizer direitinho, não vai ter ninguém para cobrar". Mesmo que produzir a si mesmo seja difícil, Falaschi tem experiência na produção de bandas. "Na minha banda anterior ao Angra, o Symbols, eu era produtor antes mesmo de ser vocalista", diz.

Edu revelou à Dynamite que pretende "se enveredar" nesse ramo a partir do ano que vem. "Quero pegar uma banda nacional e produzir", afirma.

O Almah segue em turnê de divulgação do disco. E para Edu não falta pique. "Adoro a estrada. Se pudesse fazer 90 shows por mês eu faria", revela. Os músicos que o acompanham na estrada são os guitarristas Marcelo Barbosa e Paulo Schroeber, além do baterista Marcelo Moreira e o baixista Felipe Andreoli, que também acompanha Edu no Angra.

O disco terá também uma versão especial toda instrumental, que acompanhará uma obra literária, o livro "Fragile Equality – Equinócio: Livro 1". Este volume tem ilustrações estilizadas como desenhos japoneses estilo mangá.

Mas resta uma pergunta: o Angra vai voltar? "Sim", nas palavras de Edu Falaschi. Ele culpa problemas legais e a velocidade da Justiça Brasileira para justificar o período de inatividade da banda que o tornou famoso. Mas deixa claro que o clima entre eles é ameno. "A gente se encontra, conversa bastante".

A volta da violência Sonora

By Rodrigo "Khall" Ramos

Imagem: W.Perna

A banda Genocídio foi formada no final dos anos 80 pelo guitarrista Perna, junto com Marcão no baixo e Zé Galinha na bateria. Após um giro por São Paulo e interior paulista, o grupo assinou contrato com o selo Ultra Violence para lançar seu primeiro EP, homônimo.

Depois de dezenas de apresentações por todo o Brasil, execuções em rádio e até na MTV, o grupo foi convidado, inclusive, para uma turnê na Europa, que não pode ser concretizada por problemas técnicos. A banda teve um período de inatividade no final dos anos 90, mas voltou em 2006 com seu death metal mais brutal do que nunca. A seguir você conhece um pouco mais sobre a banda.

Dynamite - O Genocídio teve algumas formações diferentes, assim como sonoridades também, mas quando tudo parecia estabilizado novamente como um trio resgatando as origens do death metal a banda teve uma reviravolta com outra formação e novamente uma sonoridade voltada ao gothic/doom. A que se devem esses contratempos?

Perna – Na verdade, não chamaria de contratempo. Diria que naquele momento foi a coisa certa a ser feita. Agora, com a formação atual, é a coisa certa neste momento para a banda. Agora, não diria que vamos fazer gothic/doom. Vamos tocar o bom e velho Genocídio.

Murillo L. – Independentemente da formação, procuramos manter a originalidade do Genocídio. Creio que mais uma vez conseguimos mostrar a integridade sonora da banda sem apelar para modismos, acrescentando diferentes ingredientes, uma vez que os atuais membros adicionaram suas influências também.

Dyna - Qual foi o motivo da saída do Marcão e do Alexandre e como está sendo tocar baixo após o acidente na Galeria do rock depois de todos esses anos sendo guitarrista?

Perna – Na verdade, logo após o lançamento do CD "Rebellion", decidi parar por um tempo e me dedicar à minha vida pessoal. Quando voltei a tocar, os dois estavam com outros projetos em suas vidas. O acidente atrasou a produção do DVD, e para que eu pudesse continuar com o projeto eu passei a tocar baixo, que sempre foi um instrumento que eu apreciei muito.

Dyna - O EP "Genocídio" está completando 20 anos. O que a banda está preparando para essa comemoração?

Perna – Vamos lançar via Voice Music uma versão em CD com vários bônus da época, além claro do EP na íntegra e um encarte com várias fotos, cartazes de shows e depoimentos de amigos.

Dyna - Quando será lançado o próximo disco de estúdio e o que você poderia adiantar sobre ele?

Murillo L. – Estamos no processo de composição do novo álbum. Sem querer soar clichê, creio que em 2009 lançaremos nosso melhor álbum desde o "Posthumous" (de 1996). Há músicas que remetem aos nossos trabalhos anteriores e há músicas que as pessoas vão se surpreender quando ouvirem. São simplesmente matadoras!

Dyna - Qual a temática abordada nas novas músicas?

Murillo L. – Ainda não definimos a temática das letras, ou até mesmo se será um disco conceitual. Estamos concentrados na elaboração da parte instrumental do novo álbum, mas asseguro que abordaremos um tema que diferente dos outros álbuns do Genocídio e que fuja das temáticas recorrentes da cena metal.

Dyna - Vocês estão numa coletânea que reúne alguns nomes do cenário underground nacional. Como foram parar lá e como você vê esses incentivos para que o público conheça mais bandas que raramente chegariam a seus ouvidos normalmente?

Perna – O Luiz é um grande amigo e quando ele perguntou se poderia usar a música "Nightmarishly" na coletânea eu concordei na hora. Sempre apoie ao máximo a cena metal nacional e continuarei apoiando sempre como puder.

Murillo L. – Bandas como Metallica e Slayer tiveram seus primeiros registros em coletâneas, ou seja, faz parte da cultura do metal que as bandas se unam para atingirem seus objetivos, e temos orgulho de participarmos de mais uma em prol da cena.

Dyna - O Genocídio é considerado um dos grandes nomes do cenário brasileiro, mas ainda não está à altura que mereciam para poderem viver só de música. O que você acha que causa esse fator e quais são os outros projetos dos atuais membros da banda?

Murillo L. – Quem consegue tocar e viver do metal no Brasil deve ser considerado um herói, pois o País não proporciona o mínimo para que a cena se desenvolva financeiramente. A luta é muito árdua e traz pouco ou nenhum retorno, por isso tem que se exaltar quem está na batalha por todos esses anos. Até os meados dos anos 90 nós achávamos que viver de metal seria possível, mas em virtude da cultura nacional aliada às nossas separações e pausas este pensamento mudou e hoje há integrantes da banda que são casados ou têm filhos, então precisamos de nossos empregos para sobreviver e por conta desta rotina diária não há tempo para projetos paralelos. Contudo, temos que agradecer ao fato de que há pessoas que acreditam no nosso som, sejam eles fãs ou produtores e isso recompensa todo o nosso esforço.

Dyna - Perna, você que vivenciou toda a cena nacional do metal, como vê hoje em dia coisas como revistas, fanzines, rádios, TV e internet no meio musical?

Perna – Hoje não existe mais todo aquele apoio que tivemos até a metade dos anos 90. A maioria das revistas não existe mais, a TV se esqueceu do metal. Hoje só temos a internet para divulgar. Por outro lado, ela engloba todos os meios citados em um lugar apenas, e com um custo muito baixo.

DYNAMI-TIRA

por MARCIO

Som para rolar pedras e arregaçar as mangas

By Luciano "Carioca" Vitor

Dizem as más e boas línguas que Florianópolis só é conhecida por três fatores: o ex-jogador de tênis Gustavo Kuerten (o Guga), as belas praias e as mulheres maravilhosas. Sendo ou não verdade, são fatos que demorarão bastante tempo para serem suplantados. Mas algo começa a mudar na cidade. Há dois anos, um projeto chamado Clube da Luta começou a movimentar a cidade contando com as principais bandas independentes. Entre elas, uma banda que conta com três irmãos (que sempre curtiram e estudaram música), que depois de algum tempo resolveram se unir para aumentar ainda mais a convivência familiar. Por si só, o fato seria digno de admiração, mas além da consistência musical, de já terem um CD lançado na praça em formato smd ("Rolando Pedras", lançado em 2007 pelo próprio selo da banda, o Nakaruda Records), estarem à frente do vitorioso projeto que virou realidade (o já citado Clube da Luta, onde fazem parte do conselho), os irmãos também são curadores de um dos mais antigos festivais do Estado, o Rural Rock Fest, que já tem oito anos, e por lá passaram bandas e artistas do calibre de Marcelo Nova, Os Ambervisions e Patrulha do Espaço.

Com um som calcado no rock básico dos anos 60 e 70 e influências que vão de Rolling Stones a Erasmo Carlos, The Who, Beatles e Hendrix, só para ficarmos no básico, o trio é formado por Vinicius Zimmermann (o Vina, guitarra e vocal), Vitor Zimmermann (baixo e vocal) e Filipi Zimmermann (o Lelé, bateria e vocal). Foi com o baterista que a Dynamite foi conversar sobre a banda, o festival que eles organizam e o movimento cultural em Florianópolis. Afinal de contas, não são apenas as mulheres, o Guga e as praias que temos por aqui.

Dynamite – São três irmãos numa banda, o que remete muito a outras bandas com irmãos, como Oasis, Jackson Five, Hanson. Enfim, rola muita briga? Ou vocês se dão bem e ninguém briga um com o outro?

Lelé – Rola discussão sim, mas briga, briga não. O bom de sermos irmãos é que a gente se entende. Rola um estresse por uma coisa ou outra, mas horas depois estão os três na mesa do jantar, olhando um pra cara do outro. Às vezes é na mesa que a gente resolve muita coisa, inclusive, mas essa convivência de irmãos nos dá liberdade para falar as coisas que pensamos sem ter o receio de ser mal interpretados, de ter que ser suave pra não mexer com egos, o que rola muito entre as bandas.

Dynamite - Como começou a idéia de ter uma banda com seus irmãos e ainda organizar um festival anual de rock em Santa Catarina?

Lelé - As coisas aconteceram. Primeiro veio a banda, não era o Da Caverna ainda. Mas eu e o Vina tocamos juntos desde sempre. Teve apenas uma época mais individualista, cada um com seus mini-projetos. O Vina formou uma banda comigo e outros amigos e, numa dessas, na falta de lugar para fazer shows, nós fizemos a nossa própria festa, o Rural Rock Fest, que nada mais era que a festa de aniversário minha e do Vina. Daí resolvemos fazer uma festa para juntar uns amigos. A festa foi boa, teve repercussão e começaram a pedir mais. O negócio foi juntando mais gente (amigos que hoje fazem o Rural junto conosco) e tomando forma. Com esse festival a gente começou a amadurecer bastante a nossa idéia de banda, nós começamos a lidar com bastante gente, conhecer outras tantas. A formação da banda que eu e o Vina tínhamos foi se modificando até decidirmos chegar ao formato mais simples, sincero e que mais encaixava com a idéia do som que queríamos fazer e o Vitor, que já transitava no meio musical catarinense (foi baixista da extinta Carne Viva) era a peça que faltava. Já fazíamos um som de brincadeira em casa, sem compromisso. Em 2003, resolvemos tocar o projeto adiante. E aí estamos, os dois projetos (o Rural e a banda) têm andado em paralelo, mas são coisas distintas e um ajuda o outro.

Dynamite - Vocês lançaram o primeiro CD no ano passado, fazem parte de um coletivo pioneiro em Florianópolis que visa divulgar a música autoral catarinense (o Clube da Luta, que completou dois anos esse mês) e o Rural Rock Fest, que conta com apoio da Prefeitura do município vizinho à Florianópolis, São José (antes o festival era realizado no município de São Pedro de Alcântara em um sítio, contando também com apoio da Prefeitura local), mas na realidade a música catarinense ainda claudica muito fora de nosso Estado. Por que as coisas funcionam melhor dentro de casa e não fora?

Lelé - A cultura em Santa Catarina, em si, é muito diversificada, não tem uma unidade sólida, entende? Diferente da cultura gaúcha, da cultura baiana, etc. As pessoas agora que estão se organizando, interagindo, mas sempre rolou uma certa interação, mas não com o foco que o Clube da Luta tem, por exemplo. Sempre falamos que Santa Catarina é uma panela de pressão, tem muita coisa boa rolando, o caldinho está esquentando, mas ainda não está pronto pra estourar, pra vazar pela panela. Mas vai estourar logo logo.

Temos o Clube da Luta, temos grandes festivais fomentando a música em todo canto do Estado (o Rural é um deles). É quase um trabalho de educação de fazer o público se acostumar e apreciar a cultura que é produzida aqui. A mídia catarinense é dominada por grupos de outros Estados, o que dificulta um pouco. Porém, isso não é desculpa também. Faltava mais organização dos artistas daqui. A própria mídia já está abrindo um pouco mais os olhos ao ver que as coisas estão acontecendo. Tem MySpace e MTV de olho no pessoal daqui. Enfim, é um processo de amadurecimento. Sempre tivemos ótimos artistas, mas nem só de artistas se faz o cenário artístico.

Dynamite - O Rural existe há algum tempo. Outros festivais com os quais vocês mantêm o intercâmbio dentro do Estado também. Mas nem os festivais têm uma reverberação maior e nem as bandas conseguem o intento que é conseguir a devida projeção fora daqui. Até onde é válido se unir à MTV, que é uma emissora que hoje em dia mantém apenas a música em sua logomarca?

Lelé - União de marcas é saudável. Nós sentimos do público um pouco mais de respeito ao saber que a MTV está assinando embaixo do Clube da Luta. É um efeito psicológico, parece. Mas impõe respeito e traz bons frutos. Dá o ar de profissionalismo e organização, de amadurecimento que eu falava anteriormente. Parcerias como essa que reforçam esse amadurecimento que eu falo, que mostram que realmente está acontecendo, que realmente está chamando a atenção. A parceria com a MTV veio por parte da emissora, e não do Clube da Luta. Eles que se interessaram pelo projeto quando souberam que ele existia e aí vai rolar uma permuta. Haverá propagandas do Clube na emissora. O que falta é acertar alguns detalhes burocráticos. Isso faz parte do processo. Para a MTV é uma boa também, porque ela não tem uma base de representação por aqui. Sem contar a idéia de ser uma fomentadora da cultura local. Para eles isso é ouro. Os festivais ainda não chamaram a atenção lá de fora porque faltava esse amadurecimento. Eles começaram na raça (a maioria deles). Assim como nós iniciamos com uma festa de aniversário, os outros iniciaram com objetivos não muito diferentes. A maioria foi sem muita pretensão. A falta de oportunidades do mercado independente que despertou o sentimento de que não pode parar.

Dynamite - É certo que Florianópolis, quiçá Santa Catarina, melhorou bastante nesses últimos anos para bandas e até outros festivais que surgiram, sem contar que a imprensa deu muito mais espaço para bandas. Enfim, a mídia local começou a abraçar de verdade o mercado independente, mas não lhe parece que falta algo para dizer que Florianópolis passou a existir no mapa?

Lelé - Em termos de qualidade para bater de lado com qualquer um, não tem São Paulo, não tem Rio, não tem Bahia, não tem Goiânia, não tem o escambau que passe por cima do trabalho que a galera daqui está fazendo. Mas falta ainda um pouco de amadurecimento. É injusto colocar a culpa no público, mas é necessário fortalecer ainda no público catarinense a arte catarinense. É para isso que nós estamos trabalhando; é nessa luta que estão os festivais, o Clube da Luta, as bandas que não são do Clube também, o pessoal da música eletrônica, teatro, cinema e outras áreas. Tem gente muito foda produzindo festas e o escambau aqui. Alguns muito poderosos fazendo festas também poderosas. Um exemplo disso é o Planeta Atlântida, porém eles não se esforçam muito para destacar a música catarinense. Na última edição tivemos o Clube da Luta. Foi uma demonstração clara de que as coisas estão mudando. Nada vai acontecer de uma hora para outra, mas nós estamos no caminho certo.

Dynamite - Para nós que moramos aqui e vivenciamos isso tudo, é compreensível todo esse contexto que você colocou. Mas explique para quem não conhece ainda o Clube da Luta, o que vem a ser o Clube da Luta e qual a intenção por trás do evento.

Lelé - O Clube da Luta nasceu da vontade e da necessidade que as bandas daqui tinham de divulgar o seu trabalho. Algumas bandas perceberam que sozinhas não iriam chegar muito longe, mas unindo forças seria possível provocar algum choque. Tem bandas no Clube com 10 anos de estrada. A maioria dos músicos ali tem mais tempo de estrada com outras bandas. Todo mundo já sabia que só produzindo música seria possível despontar. Todo mundo sentia também que estava faltando representação na música catarinense. Nós tínhamos a Dazaranha, que até hoje é um dos maiores símbolos da música catarinense. Mas sozinha, a Duza não mostra o que é a música catarinense de verdade. O pessoal, então, se uniu com esse ideal. Vamos fazer a música catarinense, a música daqui. **A regra número um era:** você não faz músicas que não são suas. Ter alguém tocando a música daqui com freqüência era o passo número um. Assim se organizou a festa do Clube da Luta. O preço era acessível, uma banda ajudava a outra na produção da festa (emprestando equipamentos, fazendo a divulgação, contatando a mídia, etc) e todas dividiam o palco. Isso foi dando resultado, o público começou a vir e a retornar. Assim começou e até hoje continua.

Preparar lançamento

Fotos: divulgação

Formada no ano de 2002, na cidade de São Paulo, a banda Rock Rocket está prestes a lançar seu segundo disco, homônimo, pelo selo Thurbo. O álbum já está gravado desde o final do ano passado. Com 14 faixas, o CD continua a manter a mesma linha de trabalho desenvolvida pelo trio, formado por Alan (na bateria e nos vocais), Noel (no vocal e na guitarra) e Pesky (no baixo e nos vocais), no seu álbum anterior, "Por um Rock and Roll Mais Alcoólatra e Inconseqüente" (2005). Ou seja, traz canções que exalam rock'n'roll cru, influência de The Clash, Ramones e Dead Boys sobre seus integrantes.

Apesar de seus ídolos cantarem em inglês, a banda buscou apenas a influência musical destes, e com letras em português vem encantando e angariando cada vez mais fãs por onde quer que passam para levar seu rock garageiro. O grupo, que já teve oportunidade de tocar em mais de 20 Estados do Brasil, pode ser considerado "peça rara" dentro do mundo indie brasileiro, pois sobrevive, ou melhor, vive apenas de seu trabalho, das atividades da banda. Também, pudera! Afinal de contas, desde quando despontou na cena underground paulistana só vem adquirindo cada vez mais espaço e projeção não apenas na sua cidade natal, mas em todo o território nacional.

Considerado pelos seus próprios membros um trabalho mais maduro e o ápice da "genialidade" produtiva do Rock Rocket, o novo disco da banda já ganhou a "boca do povo". Antes do lançamento oficial, músicas novas já são entoadas em coro nos shows da banda. Mero acaso? Não, pois já conta com uma de suas faixas, "Doidão", exibida em formato de videoclipe na MTV, desde o final do primeiro semestre deste ano. Mas o trabalho insano de seus integrantes, neste sentido, não pára por aqui não. Além dos diversos shows que vêm apresentando por todo o País, o trio se prepara para gravar o segundo clipe deste CD, da canção "Aline, a Ninfomaníaca", cujo processo está programado para ser iniciado em meados de novembro.

De acordo com o vocalista Noel, o caminho a ser percorrido por todos, assim como eles, que escolheram a música como meio e estilo de vida, é este mesmo: correr atrás dos seus objetivos, incansavelmente. Postura que pelo visto foi totalmente incorporada pelos membros do Rock Rocket e que, associada ao talento dos músicos, só poderia dar nisso mesmo: sucesso garantido.

Em entrevista exclusiva concedida à revista Dynamite, Noel falou com mais detalhes sobre este novo disco da banda, da expectativa dos seus integrantes em cima deste álbum, dos projetos futuros do grupo e muito mais.

Dynamite – Vocês estão com o novo disco gravado e já começaram a divulgá-lo em seus shows, com a execução de algumas canções em suas apresentações, mesmo antes de lançá-lo oficialmente. Quando pretendem fazê-lo?
Noel – Este disco, que é o segundo da nossa carreira, está gravado desde o final do ano passado e vai sair pelo selo Thurbo.

Dyna – Qual a expectativa da banda diante deste novo trabalho? Neste álbum vocês mantêm a mesma linha de trabalho, as mesmas influências? Enfim, o que os fãs do Rock Rocket devem esperar do mesmo?
Noel – Neste disco, nós continuamos mantendo o mesmo estilo, mas com um amadurecimento maior. Este CD foi feito de uma vez, tivemos mais tempo para trabalhar mais as músicas, gravá-las do jeito que queríamos.

Dyna – Em quanto tempo vocês gravaram este disco? E este disco conta com quantas faixas?
Noel – Este disco foi gravado e mixado em mais ou menos vinte dias. Foi muito rápido! Ele conta com 14 faixas, todas autorais.
Dyna – Já que você falou do aspecto com-

posição, conte como funciona este processo na banda. Todos os integrantes têm participação ativa ou o trabalho funciona de forma isolada?

Noel – As coisas vão se encaminhando e fluem naturalmente com a gente. Desde o começo, rolou uma química boa entre a gente, tanto que mantivemos sempre a mesma formação. O processo criativo entre nós rola de forma democrática e todos participam deste processo.

Dyna – Desde quando o Rock Rocket foi criado, em 2002, como vocês avaliam a carreira da banda?

Noel – Nós já tocamos em praticamente todo o Brasil, em cerca de 20 Estados do País. Conseguimos sobreviver da banda, mas, também, porque corremos muito atrás, nunca ficamos esperando as coisas acontecerem. No entanto, as portas se abriram bastante para nós em 2005, com a exibição de nossos videoclipes na MTV.

Dyna – Além deste fato, o da exibição de clipes do Rock Rocket na MTV, quais são os outros atributos que poderíamos dizer que seus integrantes têm e que os levam e levaram ao "status" adquirido pela banda na cena indie brasileira?

Noel – Sei lá, acho que principalmente ao fato de as pessoas perceberem que, quando fazemos um trabalho, fazemos com muito carinho e de forma prazerosa. A música é a nossa vida, o rock é a nossa vida, não temos outro caminho, ela é a solução para a nossa vida. Uma parte do reconhecimento do público com certeza vem disso.

Dyna – Como pretendem divulgar o novo disco do Rock Rocket?

Noel – Fazemos tudo o que aparece. Temos assessoria, procuramos atender a todos os pedidos de entrevistas e matérias que aparecem para nós, seja em TV, sites, revistas, jornais, além de aproveitarmos bastante os shows, nos aspectos de divulgação mesmo e de ampliação sempre de contatos, que estão sendo estabelecidos ao longo de nossas vidas, carreira. Em cada lugar que tocamos, fazemos contatos e isso vai sendo ampliado. Acreditamos muito que não podemos ficar presos numa coisa só, temos que ir atrás das coisas mesmo, onde aparece brecha. Mas, com certeza, a maior porta vem dos shows, gera uma mídia vocal e incrível. Quando lançarmos o nosso álbum de fato, por sermos independentes, a rádio ser muito escassa para o bom rock e a mídia girar em cima dos shows mesmo, vamos utilizar deste artifício, agregado a outros, como internet e todos outros já citados e que vêm sendo usados pelo grupo há tempos.

Dyna – Qual a expectativa da banda diante deste novo trabalho? E qual o "feedback" que vocês vêm obtendo com ele, na divulgação durante os shows do grupo?

Noel – O público que já conhecia o nosso trabalho, e mesmo os que não o conheciam tão profundamente, está recebendo o nosso novo CD muito bem. A gente acha que ele está muito melhor do que o trabalho desenvolvido no disco anterior. As pessoas têm cantado junto com a gente e isso está sendo maravilhoso. Estamos conseguindo fazer shows mais dinâmicos, tanto para a gente como para o público. Aliás, eles estão mais completos, pois vêm apresentando dois discos.

Dyna – Na sua concepção, qual o diferencial que uma banda e/ou músico tem que ter para ter uma "certa" projeção na cena musical do País? E de que forma vocês se enquadram nesse conceito?

Noel – O público espera algo que não seja plástico e conseguimos fazer um trabalho de forma natural, sem nos preocuparmos com o que os outros vão achar ou pensar. Fazemos apenas o que gostamos e as pessoas sentem esta sinceridade. A gente faz uma coisa que é nossa e, de alguma maneira, as pessoas sentem isso e se identificam com isso. Fazemos sem nos preocuparmos com os outros e sim de acordo com aquilo que somos e acreditamos.

Dyna – Como vocês avaliam a cena musical atual?

Noel – Hoje existem muitas bandas e mais lugares para tocar do que quando começamos. Mas ainda assim falta uma certa estrutura. Melhorou muito, mas falta algo mais profissional neste sentido, que pode ficar muito melhor, mas ainda não é muito definido, claro.

Dyna – Pertencer ao underground virou símbolo de "status" e um certo "modismo". Como vocês avaliam esta tendência observada atualmente?

Noel – Na verdade, é meio falta de opção. Não existe mais mainstream e para as bandas que querem tocar não tem muita alternativa. A não ser que seja um "playboy", que não é o nosso caso.

Dyna – Com a falência das grandes gravadoras, não basta apenas ter algo para mostrar, é preciso ter também um trabalho de qualidade associado à qualidade musical dos integrantes dos grupos. Com isso, os shows atualmente adquiriram uma importância fundamental para uma banda e/ou músico ser bem sucedido. O que vocês acham disso?

Noel – Com certeza, a apresentação ao vivo se tornou tão importante quanto o disco. Na verdade, os dois são importantes, pois os discos ficam para sempre e os shows na memória das pessoas. Mas, sem sombra de dúvidas, é por meio dos shows que a banda vai provar ao público se é boa mesmo ou não.

Dyna – Onde a banda busca inspiração para criar e compor as suas canções?

Noel – As nossas músicas refletem o nosso cotidiano, o que vivemos, o que vemos, e acho que é por isso que as pessoas se identificam com elas. Vários personagens do nosso dia-a-dia nos servem de inspiração, como amigos ou situações vivenciadas por nós.

Dyna – Quais os planos futuros dos integrantes do Rock Rocket?

Noel – Em curto prazo, pretendemos divulgar nosso disco novo no Brasil todo e lançar o segundo videoclipe deste álbum, pois o primeiro dele saiu antes do CD físico, da música "Doidão" (no final do primeiro semestre). O próximo vai ser da canção "Aline, a Ninfomaníaca", cujas filmagens estão previstas para acontecer em meados de novembro. Já a longo prazo, vamos gravar um disco novo, o terceiro da banda, e queremos continuar a fazer muitos shows em todo o território nacional e, se der, fora do Brasil também, caso apareça oportunidade.

Pão, circo e rock

By Everton "Pardal" Soares

Trilha sonora para dor de cotovelo. Assim os membros do Et Circensis definem o som da banda. Baseada em Fortaleza, a banda existe desde 2003 e apresenta um som setentista com toques de mpb e até heavy metal. A formação conta com Pablo Huascar (baixo), Gustavo Portela (guitarra e voz), Fabrício Vidal (guitarra), Eduardo Pontes (bateria) e Juliano Estevam (teclados). Confira a entrevista.

Dynamite – Gostaria que vocês contassem um pouco da história da banda.

Fabricio Vidal - Eu e o Pablo somos amigos de infância. Um dia ele me falou que havia conhecido uns caras que estavam a fim de montar uma banda de rock progressivo e perguntou se eu não estava interessado. Esses caras eram o Pedro Ciarlini (primeiro tecladista) e o Gustavo Portela (vocal e guitarra). Depois de duas curtas experiências com baterristas que não dispunham de tempo, as baquetas foram assumidas pelo Dudu (Eduardo Pontes, atual baterista). A princípio tinha-se a idéia de tocar cover das mais variadas bandas de rock dos anos 70 para que os músicos "aprendessem a tocar", e só então, depois de esgotado esse processo, fossem capazes de compor suas próprias canções. Vale ressaltar que desde a gênese tínhamos o desejo de fazer música autoral, tanto que "Noite no Baile" e "Me Esqueça" são composições datadas do primeiro da banda. Em junho de 2005 tivemos nossa primeira aventura autoral lançando um EP entitulado "Et Circensis", contendo cinco faixas. O ano de 2006 marcou nossa entrada definitiva no universo da música independente. Nós queríamos gravar um disco e para tanto necessitávamos de um produtor. Dois nomes foram sugeridos: Fernando Catatau (idealizador da banda Cidadão Instigado) e Fabio Pink (na época produtor do Ludov). Pois bem. Ambos disseram que precisavam conversar conosco. Pablo e Gustavo puseram a mochila nas costas e se mandaram pra Sampa. Após as conversas decidimos pelo Fernando, que trouxe consigo o Régis Damasceno, também cearense e músico do Cidadão. Esse disco carrega uma séne de nossas principais influências que ficam visíveis, ora nos arranjos, ora nos timbres, ora nas melodias.

Dyna - O que os integrantes da banda gostam de ouvir?

Fabricio - Bem, O Dudu curte metal (leia-se Dream Theater e Sepultura) e ultimamente tem ouvido o "Dante XXI", do Sepultura. O Pablo ouvia muito grunge e hoje ele curte coisas como Arctic Monkeys. Da última vez que nos vimos ele estava pirando nas músicas do Buena Vista Social Club. O Ju (Juliano Estevam, teclado e voz) escuta um cara chamado Jeff Buckley, que é massa. Eu curto Radiohead e os clássicos setentistas. Ultimamente o Hu e eu temos ouvido muito The Mars Volta.

Dyna - Comente um pouco sobre o processo de gravação e produção do álbum. Eu sei que foi uma gestação dura, não é mesmo? Porque vocês o produziram em são Paulo? Como foi?

Fabrício - Fizemos uma rápida pré-produção aproveitando a passagem dos meninos por aqui em janeiro de 2007. Gravamos, então, o disco entre abril e maio do mesmo ano no Totem Studio sob o comando técnico de Kalil Alaia. Durante o restante daquele ano ocorreram a mixagem, ainda no Totem, e a masterização no El Rocha. Enfim, após pouco mais de um ano, o "Homônimo" foi lançado no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura em 11 de janeiro de 2008.

Dyna - O que vocês acham do mp3 e de outras mídias que permitem baixar músicas e vídeos sem pagar os direitos autorais dos músicos?

Fabrício - Nós não podemos ir contra o avanço tecnológico, porém podemos construir formas de lidar com ele. O que se perde em direitos autorais, por exemplo, pode retornar em forma de mídia gratuita ou em ferramenta de venda do produto, falando de forma grosseira.

Dyna - Como foi a escolha do nome da banda? De quem partiu a idéia?

Fabrício - Estávamos naquela de escolher um nome e alguém teve a idéia de fazer uma espécie de sorteio com as opções de cada um. Não lembro se isso deu muito certo. Findamos por discutir sobre a proposta do Gustavo que era nomear de Pannis et Circensis. Por fim ficou Et Circensis pela sonoridade que era bem legal e diferente.

Dyna - Como vocês vêem a cena independente de Fortaleza e também o cenário independente nacional? E o que falta para as bandas do Ceará conquistarem um espaço maior neste cenário?

Fabrício - Fortaleza pipoca de bons trabalhos. Basicamente, nossas dificuldades estão ligadas aos diminutos locais que temos para tocar e a cultura do público, visto que este último não tem o hábito de valorizar o que não é consagrado. Mas isso vem mudando. Com relação ao Brasil, vejo algo diferente. Hoje já podemos nos dar o "luxo" de contar com um circuito de festivais minimamente acessíveis, apesar de já observarmos alternativas ao "alternativo", o que poderíamos chamar de independente do independente. Ter espírito de aventura. Sair de Fortaleza com bons trabalhos e fazê-los serem vistos. Essa é a alternativa que tem se mostrado interessante, já que nós não podemos falar de sucesso quando se fala em música independente. Falar nisso seria o mesmo que basear a realização de um projeto de vida no recebimento do prêmio da mega sena, por exemplo.

Dyna - Como está a agenda de shows? E em que lugares vocês gostariam de tocar?

Fabrício - Nossa agenda acompanha a disponibilidade de todos os integrantes, já que todos têm empregos formais. Portanto, continuamos com nossa rotina de shows nos fins de semana e, quando necessário, como foi o caso de tocar no SESC Pompéia, todos os integrantes articularam com seus respectivos empregos uma semana de folga.

Dyna - Quais as projeções para os futuros trabalhos da banda, sonhos e esperanças?

Fabrício - Nós queremos durante este ano lançar uma séne de EP's vinculados a outras formas de arte. O primeiro sai possivelmante por volta de agosto.

THE JOHN CANDY

Os sobreviventes do lo fi

By Luciano Vitor

Divulgação

No longínquo ano de 1998, o jovem Vinicius Leal, em seu quarto, deu início ao que seria apenas um projeto, antes mesmo dele pensar em montar uma banda. Gravações caseiras, muita inspiração e um som totalmente lo-fi. Dessa experiência nascia o embrião do que viria ser a banda em si, algo que ficou esquecido e parado até 2003, quando animado com equipamentos melhores e novas possibilidades proporcionadas pelo novo século, Vinicius chamou seu amigo de longa data Guilherme Almeida para retomarem juntos aquele empoeirado projeto, que logo toma forma própria. Após a gravação do CD (com Sandra Mendes em alguns vocais), se viram num dilema: seria viável transformar aquele belo projeto em uma banda? Mas a mesma Sandra Almeida que participou do disco acaba resolvendo o impasse e intima dois amigos a se juntarem à banda: Marlon Gasper e Gustavo Cokell. Assim surgia o The John Candy.

Com "In your arms I was happy", lançado pelo selo carioca London Burning, começam os shows, viagens e tudo mais que envolva uma banda, entrevistas (inclusive uma bela entrevista em 2005 na nossa Dynamite) e passado algum tempo, o temido segundo cd, que viu a sua finalização no ano de 2008, mas não o seu lançamento. Sobre o cd, fomos conversar com Vinicius, fundador e guitarrista da The Jonh Candy.

Dynamite - De 2005 (quando a banda foi um dos destaques sobre o rock carioca na revista) para cá, muita coisa mudou, sei que houve crises e o som da banda cresceu. A banda passou a viajar para outros lugares. Como foram esses três anos para a The John Candy?

Vinicius - Muita coisa mudou realmente, principalmente na maneira de compor, já que no primeiro disco eu e o Guilherme (Almeida) fizemos tudo. O disco foi inteiro gravado só por nós dois. Éramos os dois a banda. Daí com a entrada do Gustavo (Cockell) e Marlon (Gasper), as músicas passaram a ser feitas por todos, dentro de estúdio, daí eu acho que é uma grande diferença em relação ao segundo CD. Nesses três anos nós passamos por crises, mas nada também muito complicado. É sempre difícil ter uma banda quando ela não é a sua fonte de renda, lidar com outras pessoas, sempre pintam diferenças, são todos artistas. Existe até o fator ego, o que no nosso caso é até muito tranqüilo. Mas quando o compromisso é só um lazer, um hobby, e não um trabalho, quando você não tem o mínimo de prazer, a coisa acaba complicando. Mas graças a Deus, foi tudo muito rápido, como você falou. Foi só uma crise, uma TPM, digamos assim.

Dyna – Então, a banda é uma das raras a enveredar na seara do lo-fi, embora o CD novo esteja mais pop. Como é ser um dos últimos bastiões desse tipo de som?

Vinicius - Pois é, o som mudou um pouco em relação ao primeiro, saímos um pouco do experimental, já que realmente a proposta do primeiro álbum era esse, ver o que sai com aqueles pequenos sons que você faz em casa de bobeira, ir gravando e ver no que dá. Como eu te falei, nem tínhamos a vontade e pretensão de formar uma banda pra levar pro palco, por isso tínhamos uma liberdade maior na hora de compor e gravar, não precisávamos nos preocupar como aquilo iria soar ao vivo e como iríamos fazer. Por isso, tem algumas músicas do primeiro disco que a gente nunca tocou ao vivo, porque realmente não dá ou simplesmente porque esquecemos de como se toca (falo isso por mim). Isso às vezes é bom, porque quem gosta, gosta mesmo. Fica louco às vezes, acho que também por uma carência mesmo de bandas nesse estilo, mas às vezes atrapalha porque a gente fica sem ter com quem tocar. Nós já tocamos com bandas de vários estilos, até death metal!

Dyna - Como é conviver com bandas tão díspares mas ao mesmo tempo contemporâneas de vocês, como Maldita, Cabaret, Rockz e Moptop, e como é ver outras surgindo no cenário carioca, como o Kyf e Cabeza de Panda?

Vinicius - O convívio é ótimo, porque, afinal, como já falamos, são poucos que fazem esse som, daí as bandas que tocam com a gente ou curtem muito ou realmente odeiam. Assim fica mais fácil. Eu acho que a cena piorou muito em relação a 1996, aos anos 90 em geral. Como eu falei antes, sentia uma vontade maior, um interesse maior do público. Não falo só pelo tipo de som que a gente faz, quem ler isso pode acabar pensando "Lógico, nos anos 90 tinha mais público para eles do que agora, já que fazem um som totalmente da época". O lance é desinteresse mesmo, até com as bandas emo da estação. Se não tiver um hype, realmente, não rola o público caga e anda, não quer nem saber. Vejo muita banda maravilhosa no Rio com público de amigos. Isso me deixa muito triste. É tão fácil curtir bandas independentes. Elas que vêm até você. Não precisa nem procurar muito.

Dyna – E como está a história do lançamento do segundo CD? Sai ainda esse ano ou 2009 é logo ali?

Vinicius - Não sei. Ele está pronto, tudo, gravado, mixado e masterizado, capa... Tudo pronto. Estamos negociando com selos. Pra ser mais exato, são dois selos que estamos negociando. Como a gente já falou, se está complicado para as grandes gravadoras, imagina para os selos independentes. Mas está quase, o acerto está bem próximo, é porque é complicado mesmo, e a gente se acostumou mal com o primeiro, já que logo na semana que finalizamos a gente já acertou o lançamento com o London Burning. Estamos estudando a melhor maneira pra todo mundo. Infelizmente, ainda precisamos do CD físico. Acho que estamos no meio do caminho. Ele é praticamente inútil, mas ainda é preciso. Então, está realmente complicado.

Dyna - Para vocês que estão na labuta há muitos anos, o que soa normal no cenário e o que soa anormal?

Vinicius - Vivemos um período estranho mesmo. Muita novidade, a informação chega e vai muito rápido. Isso é bom e ruim. Hoje a banda se torna conhecida na cena rapidinho por conta disso, mas também ela some de uma hora pra outra porque logo vem uma nova e atropela. Vejo isso com todo mundo, num modo geral, até com as gringas maiores. Acho que a gente tem muito tesão em tocar porque temos o espírito dos anos 90, porque vivemos a época, mas é realmente chato bandas e mais bandas com qualidade duvidosa ficarem aí super hypadas enquanto tem um monte aí que são excelentes e que são deixadas pra lá só porque são sérias, não usam roupas bacanas e óculos coloridos. Bandas hoje em dia não são só música, pelo contrário, cada vez menos o que importa é a musica.

EARS UP

FIQUE POR DENTRO DOS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DE CDs.

O SITE DA REVISTA (WWW.DYNAMITE.COM.BR) TRAZ MAIS LANÇAMENTOS.

COTAÇÃO:

(Excelente);
(Ótimo);
(Bom),
(Regular);
(Fraco)

ENDLESS MASSACRE II – Extreme Compilation (Violent Records)

Segunda edição da coletânea lançada pelo selo Violent Records, reunindo bandas de metal extremo da cena nacional. Nesta edição figuram as bandas Predatory (Praia Grande/SP), com seu death/thrash tradicional, Chaosmaster (Santos/SP), levando seu black/death característico do underground brasileiro. March of Hate (Mote Azul Paulista/SP), com seu death alternado entre o arrastado, e a paulada grind Austhral (Florianopolis/SC), num black bem feito, Wicked Funeral (Manaus/AM), e seu death metal sem frescuras, os veteranos do Genocidio (São Paulo/SP) retomam as rédeas do doom gótico, outro bastante conhecido, o Malkuth (Recife/PE) e seu black metal infernal, já o Sengaya (São José/SC) teve mais faixas na coletânea por conta de seu grindcore rápido e certeiro, o Delicta Carnis (Vitória/ES) manda bem em sem death/black/doom, o Abomydogs (Santos/SP) chega a ser a mais interessante por se parecer demais com o velho Motörhead, o Keophz (Curitiba/PR) mescla death, thrash e splatter, o Moments of Gore (São Vicente/SP) como o nome já mostra bem, é um metal gore old school, o Empire of Souls (Santos/SP) aparece com um ótimo black metal, o thrash metal em português está bem representado pelo Brutal Exuberância (Manaus/AM) única banda gringa, o Plague of Astaroth (Auckland/Nova Zelândia) marca presença com um black metal profano, o Hierarchical Punishment (Santos/SP) solta o verbo em seu grind/death, o Necropsya (Curitiba/PR) faz um thrash metal competente, o Grandus Pentalphe (Nova Iguaçu/RJ) aposta no black metal nos moldes noruegueses, e, fechando a coletânea, os baianos do Malefactor (Salvador/BA) detonam com seu já conhecido death metal. Depois tem gente falando que não aparecem bandas boas no underground nacional. (RKR)

NO BORSO DO RINOCERONTE – Música Independente para Crianças Inteligentes

Existem ideias que nos vêm e pensamos "Por que não pensei nisso antes?" Bem, na realidade, tamar Assumpção já tinha pensando nisso antes (mas não especificamente na idéia de transformar músicas para crianças inteligentes, diga-se de passagem) em canções palatáveis para os pequeruchos e também para os mais crescidinhos. Mas o que se entende por músicas para crianças inteligentes? O projeto idealizado por Emilio Pagotto e Silvio Mansani (músicos conhecidos em Santa Catarina) tomou forma no final de 2007 e reuniu muita gente bamba e boa em 14 faixas que são extremamente bem produzidas e de um extremo bom gosto. Nada daquele tatibitate ou letras imbecis para tratarmos crianças como seres inferiores! Se fossem músicas soltas em outros CD's ninguém dina que todas são músicas para crianças, e isso é o grande achado, tratar os pequeruchos como iguais. Das belas "A Lenda do brilho da Lua", do Cravo da Terra, "Parque de Diversões", da Feixfônica, até chegarmos no "Caminho Bate-Bate" de Luis Canela, até a surpreendente "Super Repolho", com a pesada Brasil Papaya com Silvio Mansani, o CD inteiro é de um lirismo inigualável. Por que não pensei nisso antes? (LCV)

MINDFLOW – Destructive Device

O disco novo do MindFlow apresenta características bem semelhantes em relação a seu predecessor, "Mind Over Body" tempos quebrados, riffs simples e uma atmosfera densa. Contudo, num trabalho bem aliado da parte visual do disco com a música, esse "clima" é bem mais "dark" neste álbum. A faixa "Lethal" tem até alguns vocais guturais. Contidos, mas pesados. Mesmo assim músicas como "Breakthrough" e "Inevitable Nightfall" apresentam melodias gostosas e bem trabalhadas. O prog do MindFlow é diferente da maioria das bandas do estilo por ser mais calcado em melodias sombrias, algo mais próximo de Pain Of Salvation do que de Dream Theater. O resultado é um disco coeso e de produção excelente. (BS)

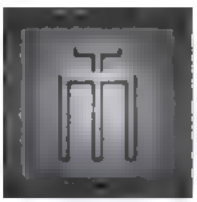
MARIPOSA - Use o Assento para Flutuar

No CD desses caras, um contato que vai além de uma proximidade com a banda, com mensagem subjetiva, em formato artístico e nada de apologia. Uma guitarra bem barulhenta, um baixo bem pontuado, mandando o seu recado, e de quebra uma versão musitada do clássico dos Secos e Molhados "O Doce e o Amargo". Para intensificar a potência, aumente o volume. Recomendações do próprio grupo, e muito bem aceitas por sinal com muito stoner rock e pitadas de no wave, a banda idealizada em 2000 pelos componentes Mondrian e Judas é contraindicada a quem tem hipersensibilidade a sons. Destaques para "Homem-Bomba", "Paraíso Artificial" "A Beira do Vício", "Como Ninguém", "Eu Não Sei" e "Medo de Si Mesmo". (EPS)

AC/DC - Black Ice

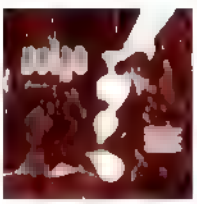
Todo lançamento do AC/DC poderia ser bem previsível, mas pelo lado bom da coisa. Pegaremos por exemplo o álbum inteiro em suas 15 faixas, logo começando cada uma já vem à mente "Esse som não é aquele clássico de tal álbum?", assim como foi o **Ramones** e foi e continua sendo o Motörhead. A mesma fórmula que deu o sucesso a cada uma delas, sem deixar um clima de pretensão no ar, afinal, é isso o que os fãs querem ouvir: se mudarem a fórmula sobram reclamações desnecessárias. "Black Ice" é o típico álbum que se coloca no CD player, ouve do começo ao fim e aperta o play de novo pelo menos umas duas vezes sem enjoar. Angus Young, Brian Jones e cia sabem como fazer o bom e velho rock'n'roll, isso ninguém pode negar. E falando em velha fórmula, Angus Young com seu típico traje estudantil em cima do palco continua a arrasar, mas não em fotos promocionais. (RKR)

MINDTRIGGER – Save My Time



Está difícil de digerir tanta informação que temos no dia de hoje. Dar atenção à demanda de bandas que surgem e conseguir colocar seu guarda sol na praia está mais ainda. O que seria das bandas de hoje sem anos 90? Não sei, mas o Mindtrigger pode nos mostrar isso com esta demo. Baixo e batera imponentes como nunca, guitarra marcando, vocal esfolado percorrendo por toda música. Power trio tocando e vocal. Eles mostram muita técnica mas não exploram totalmente em suas canções. Se as portas estiverem abertas para eles, que bom que suas letras estão inglês. Agora se o futuro deles for o Brasil isso pode se tornar um empecilho. A demo tem 6 músicas mas não vou destacar nenhuma, ouça todas. (ACP)

VULGO VORTEX - O Bom, O Mau e O Feio



Com um belo projeto gráfico de Josi Campos, que choca à primeira vista, a banda formada por Dionísio Dazu (guitarra e voz), José Sampaio (baixo e backing vocal) e Alexandre Vital (bateria e backing vocal), toca com elementos de vários ritmos, power trio psicodélico de Woodstock, em suma um bom rock'n'roll de qualidade com faixas desenhadas com a destreza única do espírito brilhante de Raul Seixas, a viagem de Mutantes atrelado a um Cachorro Grande mais vivo, divertido e atuante. Isso resulta em arranjos e interpretações bem atualizadas. Uma indicação de peso de minha amiga Benya, do Coletivo Supernova. Confiram em destaque "Movimentar", "Sapatos", "Coisas de Velho" e "Hooo Haaa!" (EPS)

METALLICA - Death Magnetic

Eis aqui uma banda que realmente dispensa qualquer tipo de apresentação, afinal até quem não é do "meio metálico" a conhece, já que a MTV tem executado incansáveis vezes videos de suas mais melosas baladas contidas em seu álbum de maior apelo comercial, o famoso "Black Album". Depois veio o METALLICA de "Load" e "Reload", aí então os fãs caíram em desespero. Um tempo depois uma luz no fim do túnel com o estranho "St. Anger" (basta trocar o ponto 'i' por um 'r' para ficar realmente estranho), bastante incompreendido pela falta de solos e sonoridade bastante "lixona" da bateria, fatores que notoriamente fizeram com que ofuscasse a parte boa do album, marcou a saída do baixista Jason Newsted, a entrada de Robert Trujillo e o final da longa parceria com o produtor Bob Rock (ainda bem). "Death Magnetic" dá novos ares à banda: riffs pesados e ultra rápidos como antigamente, músicas épicas como nos tempos de "Master of Puppets" ou mesmo "And Justice For All." Há apenas dois pontos baixos no disco, quando a banda chega ao ponto de copiar a si mesma na faixa "The End of the Line" um plágio descarado de "Creeping Death". O outro ponto baixo fica pelo título da faixa "The Unforgiven III", que nada tem a ver com as duas anteriores. Mas vamos aos pontos altos: a participação de Rob Trujillo nas composições e a produção de Rick Rubin deram ar de longevidade para a banda, fazendo com que até a balada "The Day That Never Comes" seja digna de ser ouvida pelos fãs mais velhos que a banda perdeu pelo caminho. A abertura com "That Was Just Your Life" e o encerramento com "My Apocalypse" asseguram seu lugar de banda de metal e daqui pra frente teremos o METALLICA de verdade. (RKR)

CENTINEX – World Declension

Devido à superatividade das bandas de hoje em dia, é preciso ter ideias incomuns e ótimas letras para conseguir seu espaço. A regularidade do Centinex mostra que o pessoal não está para brincadeira. "World Declension" é dividido em dois capítulos. O primeiro chama-se "Visions Of Armageddon", o segundo "Earth Inferno". Este é único, como acontece tantas vezes com esta banda, o apocalipse e do consequente desaparecimento do planeta Terra. O canto é bem lembrado como de metalcore, mas a gritaria rola à solta também. Os riffs são de bom gosto, mas poderiam ter um pouco mais de melodia. O baterista é bem ousado para o estilo, mas isso só serve de encremento para o trabalho final. Globalmente, temos visto claramente o profissionalismo e as gravações da Suecia. Tudo soa redondo. Destaque para "Pusgatona Overdrive", "Flesh Is Fragile" e "Synthetic Sin Zero". (ACP)

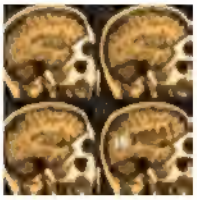
CHROME DIVISION – Booze, Broads And Beelzebur

Rock clássico no estilo do Motörhead, com muito álcool e gasolina. Depois que eu já relativamente tive boas experiências com o que bandas de rock da Noruega fizeram, embora seja a nova moda que o mal black metal predomine, eu fiquei curioso com Chrome Division, a banda de Shagrath (Dimmu Borgir), Luna (Ashes To Ashes) e os seus colegas. No verão de 2004, cinco músicos bem conhecidos lançaram o Chrome Division, que diabólicamente esbanja um simples rock'n'roll. "Booze, Broads And Beelzebur" não é um álbum musicalmente variado, mas está a um nível muito elevado e torna fácil a compreesão de suas músicas. Para todos os fãs de rock é uma ótima pedida. Para conservadores e adeptos é um prato suculento. Além disso, exibe maravilhosamente suas músicas como a autêntica "Wine Of Sin", "Life Of A Fighter" ou a bonita "Raven Black Cadillac". Nesta última dá para sentir a alma e o espírito dos ZZ Top. E o mesmo acontece em "Sharp Dressed Man". "Booze, Broads And Beelzebur" é embalado com melodias pegajosas, ritmos pesados, canções cativantes e muitas latas de cerveja. (ACP)

STEREOTIPOS – Single Virtual

Muitas bandas começam da pior maneira no mercado. Aqui não é o caso, mesmo com as idades abaixo da linha dos 25 dos quatro integrantes, o tesão em fazer o que os jovens fazem tornou-se maior que eles próprios. E não é que o andor foi em frente? Não é preciso muito para descobrir de onde vem tanta gana e vontade de fazer bonito. Como se a banda fosse um time e esse fosse um Grêmio mal dirigido, não existe lá muita técnica, mas sobra disposição, e, no final, isso conta bastante. Claro que depois de algum tempo os jogadores saberão fazer gols sozinhos (ou seja, acabam sendo vendidos para o exterior, nesse caso eles sabem onde querem chegar), mas é preciso a mão de um bom produtor para a banda poder jogar bonito. No entanto, tirando esses aforismos futebolísticos, a Stereotipos é uma banda que joga bem, tem vontade e sabe construir melodias grudentas como em uma das faixas que dá nome ao EP virtual, "Um Barato". Já é meio campeonato jogado. (LCV)

INSIDERS – Insiders



Ah, foi-se o tempo que logo na primeira faixa, a banda mostrava um ótimo cartão de visitas. Aqui com toda certeza não foi o caso. Uma letra horrível com trocadilhos infames e uma levada rocker comum. Daí vem a segunda faixa, outro exemplo de como não fazer letras comuns e pseudo-engraçadinhas. Mas são onze faixas. Não é possível que não venha algo de bom por aí! Sim, vem uma letra praieira e um rock metido a Barão Vermelho "fase anos 80", mas sem a inspiração do Cazuza. O pior (ou melhor) é que se vê uma bela produção, boas músicas (mas não letras) e uma turma empolgada, mas não só de empolgação se faz um CD se até a sexta faixa do disco a banda não consegue salvar o trabalho inteiro, a não ser soar sempre um pastiche de bandas oitentistas. (LCV)

NOHAOLE – Evolução Natural

Por que tantas bandas insistem em produzir um CD, gastam dinheiro, arrumam apoio, patrocínios e chegam ao mesmo lugar comum? A intenção das bandas não pode ser tocar em trilha sonora de seriado teen, porque isso limita demais a música e nem todo mundo consegue fazer boa música e tocar em trilhas sonoras ou aparecer em algum programa na TV. Mas o que interessa é a música da banda e não suas intenções, não é? Pois bem, Nohaole, com sua capa bizarra, é mais uma banda que fica na metade do caminho. Se por um lado conseguiu alguns bons arranjos, as letras são extremamente pueris, com frases batidas e surradas. Soa como um Charlie Brow Jr. sem direção (isso não é um elogio!), quando a banda tem a chance de conseguir um bom rock, estraga a música inteira com uma letra bizarra ("Bota pra Baixo") e por aí vai. É uma pena que se a banda tem bons músicos, padece da falta de idéias de conseguir sair do lugar comum e chegar em algum lugar. (LCV)

DAVID GILMOUR - Live in Gdansk

Este poderia ser considerado o último concerto do PINK FLOYD, caso tivesse em sua formação o batera Nick Manson e o baixista Roge Waters. Como não teve, leva mesmo o nome do guitarrista David Gilmour. Mas há um detalhe interessante neste lançamento: a última apresentação do finado Rick Wright, tecladista original do PINK FLOYD, em dois CD's e um DVD, contendo clássicos de todas as épocas da banda inglesa gravados ao vivo em Gdansk, na Polônia. Com um set misto de músicas do Floyd e de sua carreira solo, Gilmour levou ao oriente europeu clássicos como "Time", "Shine on You Crazy Diamond", "Astronomy Domine", "Echoes", "Wish You Were Here", "Comfortably Numb", entre outros, além de canções de sua carreira solo, como "On an Island", "The Blue", "This Heaven", entre outras. Vale bem como um último tributo ao excelente tecladista que o mundo do rock já teve e se foi. (RKR)

OITAVADA - Corra Mais na Chuva

A música não pára e o pulso pulsa com letras de André Comaru narrando histórias do cotidiano, caracterizada pelos timbres dos instrumentos numa receita composta por músicas curtas, mostrando aqui a sua força. A banda, com seu hardcore melódico, navega entre sons de influência como NOFX, New Found Glory, The Get Up Kids e Bad Religion. Prato cheio para quem quer se expressar quanto à indignação social, políticas e também sobre o emocional e afetivo. Um ponto a favor é o encarte, que traz uma citação de bom gosto de Jorge Luis Borges, muito foda. O ponto contra é quanto à finalização da última faixa, "130125", que simplesmente pára de se executar faltando uns três minutos de música em meio a uma reprodução de chuva intensa. Destaques para: "Até Lá", "Sabe", "Perdas e Danos" e "Vencendo o Tempo". (EPS)

ALTACOLLINA – De Volta ao Começo

O digipack que acompanha o álbum "De Volta ao Começo", do Altacollina, é invocado. Encarte bem produzido, material de qualidade e até um cartão plástico da banda. O som, porém, não impressiona. Um pop rock previsível e raso, aparentemente sem muita preocupação em soar original. Faixas como "Do Alto da Colina" e "Tudo ao Mesmo Tempo" evidenciam a capacidade técnica e criativa dos músicos. Mas infelizmente esse tipo de música é minoria do disco. Para quem gosta do estilo, é um prato cheio. Mas não espere nada novo. (BS)

LIBRA – Até que a Morte Não Separe

A primeira impressão ao se observar a capa do disco do cantor Libra é de que se trata de algum metal melódico sinfônico ou algo mais próximo do goth. O som, contudo, tem um apelo muito mais pop do que o encarte sugere, sem, com isso, perder qualidade. A música apresenta um tipo de pop rock sombrio, quase melancólico, de melodias simples e quase sempre tristes. Guitarras graves e pianos bucólicos se espalham pelas faixas, enquanto o vocal suave de Libra completa o aspecto triste das canções. Destaque para a mais animada "Eletricidade" e a calma "Cinderela". (BS)

ARCO DUO – In Space Rock

Chamar simplesmente de rock'n'roll seria simples demais e até um tanto limitado para definir o trabalho do Arco Duo. Mas o fato é que não é fácil descrever este trabalho que sugere pitadas de jazz, prog e até de surf music. O disco inteiro soa caótico e urgente, como na instigante "Psyco-Guard" e na cadenciada "The Journey", que lembra até algo de folk. Outras como "Shock" e "USA" apresentam riffs marcantes. As letras, ora em português, ora em inglês, divagam sobre emoções e angústias. O cover para "Space Oddity", de David Bowie, é até bacana. (BS)

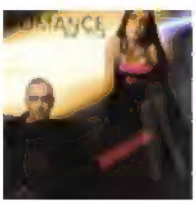
LESTICS - Les Tics

Segundo trabalho da banda, associado ao boogie e ao swing, onde o gênero rural permanece na essência do rock ao longo das décadas. Lestics é prova disso, seu rock é country e é folk também. É a melhor forma de descrever o trabalho dessa dupla. Isso resultou numa música intimamente ligada ao trovador poético e autoral Bob Dylan e ao lendário Delmore Brothers. A arte do encarte impressiona, composta por Olavo Rocha (voz) e Rodrigo Maragliano numa estética simples e contemporânea. Vale a pena conferir. Destaque para as faixas "Tipo", "Gênio", "Náusea", e "Caos". (EPS)

BLACK TIDE – Light from Above

Hard rock como há tempos não se via. Assim é o disco de estréia do Black Tide. Melodias grudentas bem cadenciadas no melhor estilo oitentista permeiam o álbum inteiro. Grata surpresa do seleto rol de bandas que se lançam no mercado pela via das grandes gravadoras. Produção impecável e linhas instrumentais bem compostas dão a tônica do álbum. Músicas como a fabulosa "Warriors of Time" e a rápida "Shockwave" dão o brilho ao trabalho, com solos fantásticos e excelentes riffs. A inovação fica por conta das pesadas "Let Me" e "Show Me the Way", cujos riffs flertam com o heavy metal. (BS)

ROMANCE – Luz Azul



Um pop com pretensões de soar moderno é a síntese do duo Romance (cá entre nós, o nome não ajuda muito), que trafega entre a praia do pop rock de barzinho ("Em tuas mãos"), bossa nova para os incautos ("Cor de Sangue") ou a música moderna com pitadas eletrônicas e suave como a letra entrega (Você Sabe"). O duo não traz novidade alguma e cai no marasmo musical que cerca o meio. Se tenta soar moderno, erra; se tenta acertar na mpb, fica no meio termo, os arranjos são agridoces em demasia. A dupla erra por não saber dosar as colagens dentro das suas músicas e fazer uma música que tocaria em novelas (daquelas que ninguém mais se lembra), ou seja, existiram boas intenções, mas elas nem de longe foram alcançadas. (LCV)

METALLICA INOVA VOLTANDO AO PASSADO

O Metallica está de volta. Após lançar os inconstantes e duvidosos "Load" (1996), "Reload" (1997) e "St. Anger" (2003), o grupo chega com "Death Magnetic", um trabalho com pegada e grandes riffs, como aqueles que caracterizaram sua carreira e que grande parte dos grupos imitou. Quando surgiu para o mundo do rock, no começo dos anos 80, o Metallica mudou o conceito do metal produzindo clássicos como "Kill 'em All" (1983), "Ride the Lightning" (1984), "Master of Puppets" (1986), "...And Justice For All" (1988) e "Metallica" (1991), mais conhecido como "Black Álbum". Sua música ampliou o limite do trash, elevando a velocidade e o volume do som. Para mim, a raiz essencial da música do Metallica é o metal punk, também bem representado por grupos como GBH, Exploited, Broken Bones e Discharge, por exemplo. Alguns "detalhes" foram fundamentais para a melhor banda de metal do planeta voltar à velha e magnífica forma: uma bateria de verdade, avassaladora, com bumbos duplos vorazes e demolidores; solos de guitarra bem construídos, criativos e bem idealizados; músicas mais longas (a menor tem 6"25') e trabalhadas com variações e detalhes. Além disso, o produtor é Rick Rubin, que não deixa dúvidas.

Kirk Hammett, um dos guitarristas mais copiados do metal, James Hetfield, vocal e guitarra, Lars Ulrich, batera chamado de "thunder" (trovão), e o baixista Robert Trujillo, voltaram ao passado produzindo um som rápido, distorcido e agressivo. Um metal verdadeiro, um "novo metal" em contraposição a experimentos e chatices como Linkin Park, Korn, Slipknot e outros enganos. "Death Magnetic" inicia em grande estilo com "That Was Just Your Life", uma pedrada que começa com uma guitarra leve e introdução super bem realizada na quebradeira de bateria. Depois vem a avalanche do peso metal que se alterna com intensas levadas de hardcore, especialmente na rapidez da bateria. A canção vai se elevando com consistência sobre um baixo muito bem grooveado. É um solo perfeito para o contexto de um metal sem erros. A segunda, "The End of Line", tem a introdução característica do punk. Batera forte e marcada, veloz. Aí vem um poderoso riff de guitarra e muitas variações de ritmos e andamentos. James canta como tem que fazer, bem posto, nas letras acima da média do mundo metal. A batera é fodaça, de verdade, bumbos duplos em profusão. Nada de frescuras ou poses, mas sim a atitude explicitamente rock and roll. Uma faixa sensacional que faz a gente ter até dó de grupos fifis. Em "Broken Beat and Scarred" a demolição continua. Início, bumbos duplos e variações de guitarras muito criativas, solos rápidos, quase voadores.

"Death Magnetic" é violento. Mas uma violência do bem, da música real, vital, aquela que existe sem teminhos modernos ou bases eletrônicas sem rumo. É como se a ferocidade de "Battery" ou de "The Frayed Ends of Sanity", dos anos 80, ganhassem uma roupagem mais contemporânea, mais atual. A quase balada "The Day That Never Comes" é a mais branda do disco. Triste, ela desnuda as guerras com um crítica sutil. "Empurre para o outro lado/ Apenas permaneça agachado desta vez/ Escondido dentro de si/ Rastejando dentro de si/ Sua hora chegará/ Deus, eu os farei pagar/ Uma revanche um dia/ Eu terminarei este dia/ Eu derramarei cor neste cinza". Nela, uma base de guitarra ancora uma intensa gama de alternâncias e viradas de bateria. A segunda parte da música flerta com um hard rock mais pesado; é a versatilidade do Metallica, né! Aí entram as duas guitarras em escalada, que lembram Thin Lizzy e Iron. Realmente Rick Rubin e os músicos estavam a fim de causar e buscar algo novo no metal, o que parecia ser difícil de rolar. A grande variedade de sons e nuances, detalhes e arranjos é impactante e fatal.

A quinta faixa, "All Nightmare Long", na verdade, é um pesadelo para os amantes de guitarras chatas e texturizadas. Cai mais para o metal punk no começo e desembarca num quase crossover demolidor. As duas guitarras, entremeadas em solos rápidos, a bateria desconstruída, e o baixo pulsante, alinham-se todos em solo único, em um instante X da canção. É difícil dizer isso num álbum tão surpreendente, mas "All Nightmare Long" pode ser a melhor música de uma obra de primeira. Um piano inicia "The Unforgiven III", a canção que mais se aproxima de balada. Junto com a bateria, que caminha por cima do piano, chegam o peso do baixo e as guitarras. Analisar todas as músicas de "Death Magnetic" pode acabar sendo redundante. Na verdade, a banda tem um grande mérito ao produzir um disco consistente do começo ao fim. Sem espaços ou buracos. Uma parede sonora de grande poder, um bomber arrasa quarteirão. "Cyanide", "The Judas Kiss", "Suicide and Redemption" e "My Apocalipse" mantêm o punch do disco. O Metallica voltou. Direto para o passado, criando um metal, mais uma vez diferente, criativo e voltado ao futuro.

EXPEDIENTE

Dynamite # 101
Outubro/Novembro / 2008

Publisher e jornalista responsável:
André "Pomba" Cagni – Mtb: 34553
(pomba@dynamite.com.br)

Diagramação:
Rodrigo "Khall" Ramos (khall@dynamite.com.br)
Fotos da capa: Divulgação

Representação Comercial:
Hanilton Scofield (hanilton@dynamite.com.br)

Redação:
Estagiários:
Bruno Silva (brunosilva@dynamite.com.br) e
Bruno Palma Fernandes (bruno@dynamite.com.br)

Administrativo:
Alexandre Carvalho (alexandre@dynamite.com.br)

Relações Públicas:
Lilian Vituzzo (lilian@dynamite.com.br)

Webmaster:
Daniel Zsigmond (webmaster@dynamite.com.br)

Colaboraram nesta edição:
Anaktar Betto (AB), André "Pomba" Cagni (APC), André Copycat Punski(ACP), Bruno Boghossian (BB), Bruno Massao (BM), Bruno Palma Fernandes (BPF), Bruno Silva (BS), Dum de Lucca (DL), Everton "Pardal" Soares (EPS), Fernando Carpaneda (FC), Guilherme Sorgine (GS), Hanilton Scofield (HS), Humberto Finatti (HF), Leandro Anheli (LA), Luciano "Carioca" Vitor (LCV), Magda Martins (MaM), Maíra Hirose (MH), Marcelo Vilela (MV), Micki Mihich (MM), Renato Salles (RS), Rodrigo "Khall" Ramos (RKR), Shamil Carlos (SC), Simone Mihich Bueno (SMB) e Talita de Oliveira (TO).

Correspondentes:
Paraná:
Herik Correia Rocha (herikhc@dynamite.com.br)

Rio de Janeiro:
Guilherme Sorgine (sorgine_255@hotmail.com)

Santa Catarina:
Luciano Santos (luciano@dynamite.com.br)

Internacionais:
New York: Micki Mihich (micki@dynamite.com.br)
Los Angeles: Silvia Mendes (scmendes2002@yahoo.com)

Redação / Publicidade:
Fone/Fax: (11) 3064-1197
Rua dos Pinheiros, 730 – sala 1 - CEP: 05422-001
Pinheiros - São Paulo/SP

DYNAMITE é uma publicação sem fins lucrativos aberta a qualquer tipo de colaboração não remunerada em qualquer forma de expressão. Envie e-mail para dynamite@dynamite.com.br ou xerox dos seus textos/trabalhos/ensaios para a Caixa Postal 11253 - CEP: 05422-970 - SP/SP, com seu endereço e fone para contato. Caso seu material seja aprovado, entraremos em contato. A opinião dos nossos colaboradores não representa necessariamente a opinião da revista. A cópia ou reprodução total ou parcial das fotos e matérias aqui contidas é permitida, desde que citada a fonte e a autoria.

DYNAMITE é uma publicação da ASSOCIAÇÃO CULTURAL DYNAMITE, CNPJ 07.157.970/0001-44

BANCA DE QUADRINHOS

O PROGRAMA DE QUADRINHOS E CULTURA POP MAIS AGITADO DA TV BRASILEIRA!!!

- Entrevistas
- Resenhas
- Cobertura de eventos
- Matérias exclusivas
- Tudo com descontração e bom-humor,feito pela equipe mais xarope do Brasil!

Apresentação:
DAIANE CREPALDE

Redatores/ Colunistas:
CADU NOVAES
RODRIGO FEBRÔNIO
CRIS SAYURI
GABI FRANCO
MARCIO BARALDI

Produção:
LUIZA XAVIER

canal de São Paulo

TODA 4ª FEIRA AS 20H30 NO CANAL DE SÃO PAULO (canal 18 na TVA)

E na Blue TV (TVA,canal 18 no Rio de Janeiro;canal 70 em Curitiba e 75 em Florianópolis)
Ou assista todos os programas anteriores no site:http://bancadequadrinhos.wordpress.com

O PRIMEIRO GAME ROCK'N'ROLL DO BRASIL!

CHEGOU O GAME DO

ROKO-LOKO

PARA

CELULAR!!!

REALIZAÇÃO:

MARCIO BARALDI
ROCK BRIGADE
PLAY SYSTEMS
LIGAKI

ENVIE UM TORPEDO PARA

49900

COM A PALAVRA "ROKO LOKO" E BAIXE O GAME E WALLPAPERS!

O ROCK BRASILEIRO SAI EM BUSCA DE SUA MEMÓRIA!

www.arquivodorock.com.br

SITE JÁ CONTA COM MAIS DE 600 FONOGRAMAS DIGITALIZADOS

O site do Arquivo do Rock Brasileiro já conta com mais de 600 fonogramas para serem ouvidos, de artistas como o Som Nosso de Cada Dia, Bixo da Seda e muitos outros! Basta clicar na parte de Acervo do site www.arquivodorock.com.br e o internauta terá em seus falantes ou fones a parte mais importante e a própria razão de existir do Arquivo do Rock Brasileiro - a própria música.

O Arquivo do Rock Brasileiro é um projeto criado e mantido pela Associação Cultural Dynamite, com patrocínio da Petrobras, através da Lei deIncentivo à Cultura, do Ministério da Cultura e do Governo Federal. Tem como finalidade o resgate e a reunião de gravações musicais, depoimentos, revistas, livros, fotos, objetos, artefatos em geral, relacionados ao universo do Rock produzido no Brasil. A primeira fase do projeto engloba desde os primórdios nos anos 50, passando pelo estouro da Jovem Guarda e da Tropicália nos anos 60, até a maturidade já nos anos 70.

ANOS 70
60
50

ARQUIVO DO ROCK BRASILEIRO

Realização: DYNAMITE

Apoio: MIS

Patrocínio: PETROBRAS

Ministério da Cultura

BRASIL GOVERNO FEDERAL